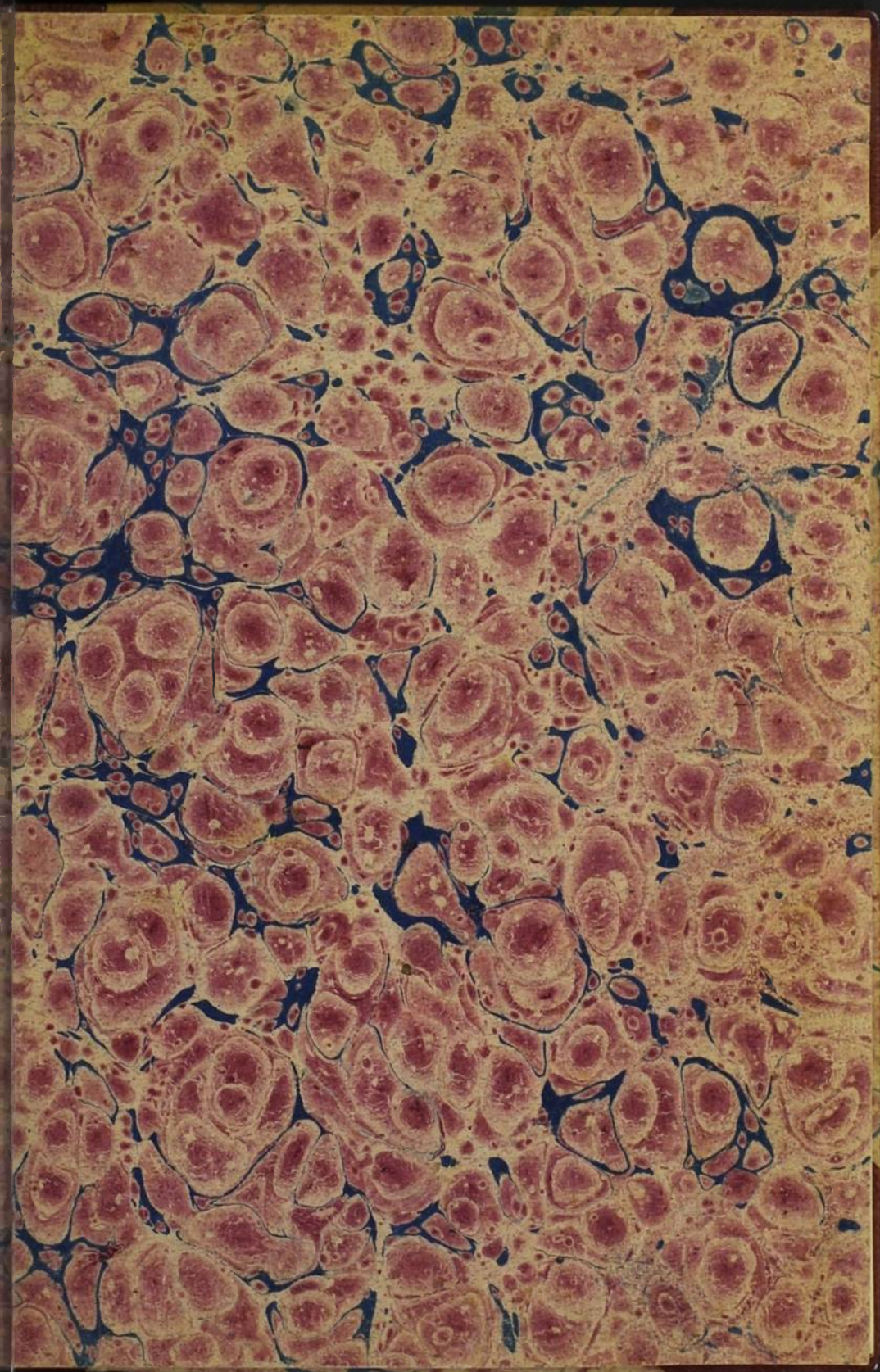
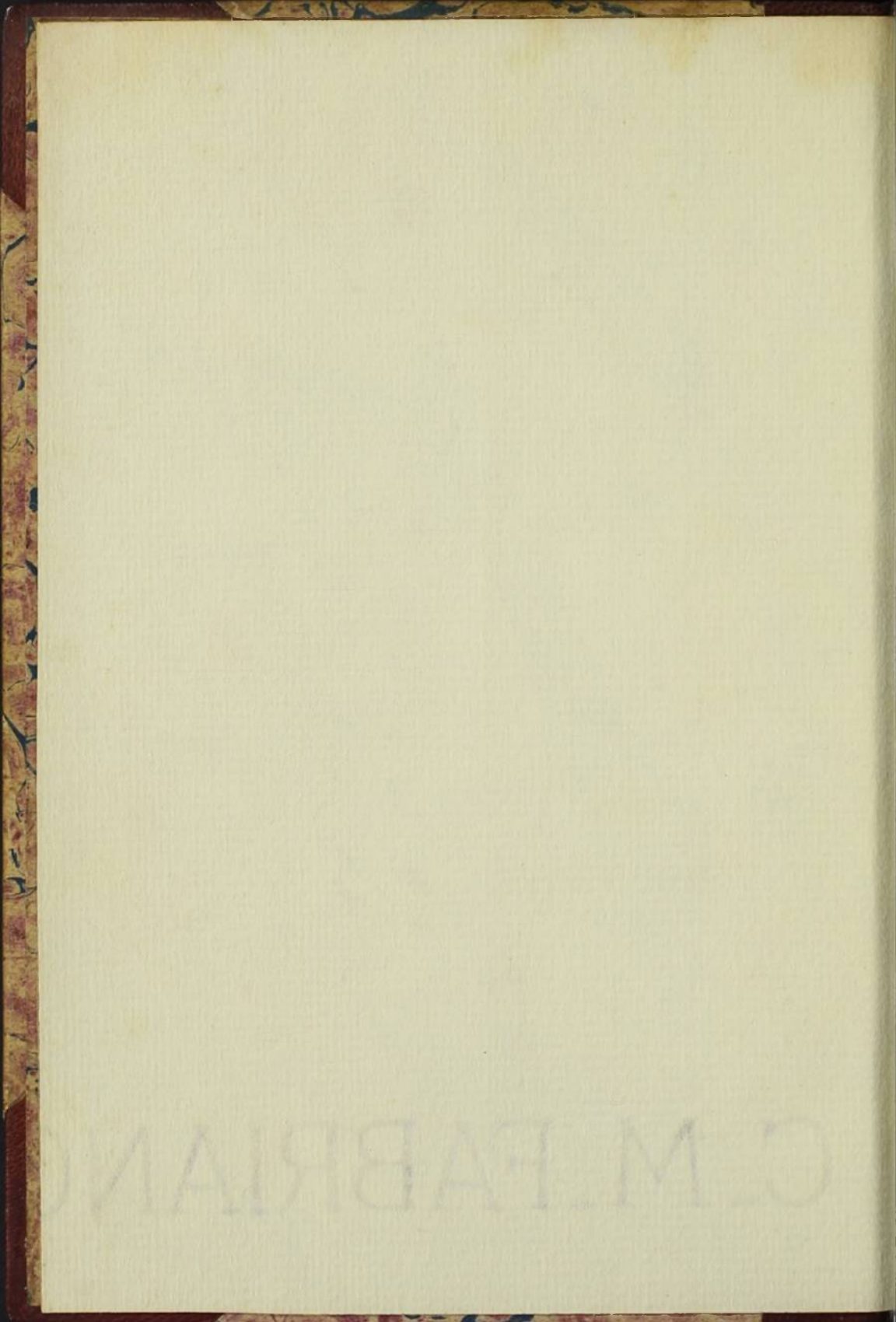
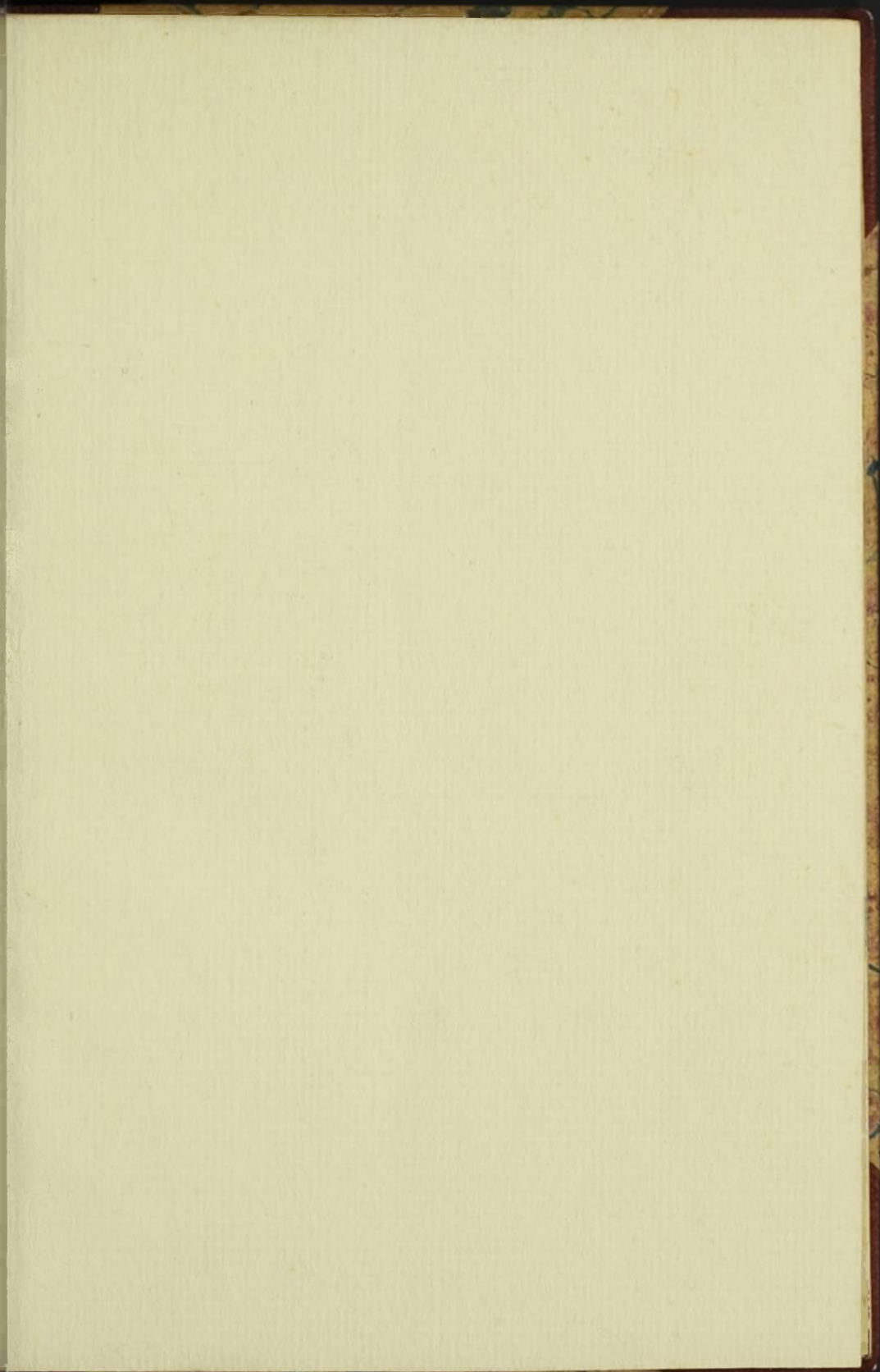


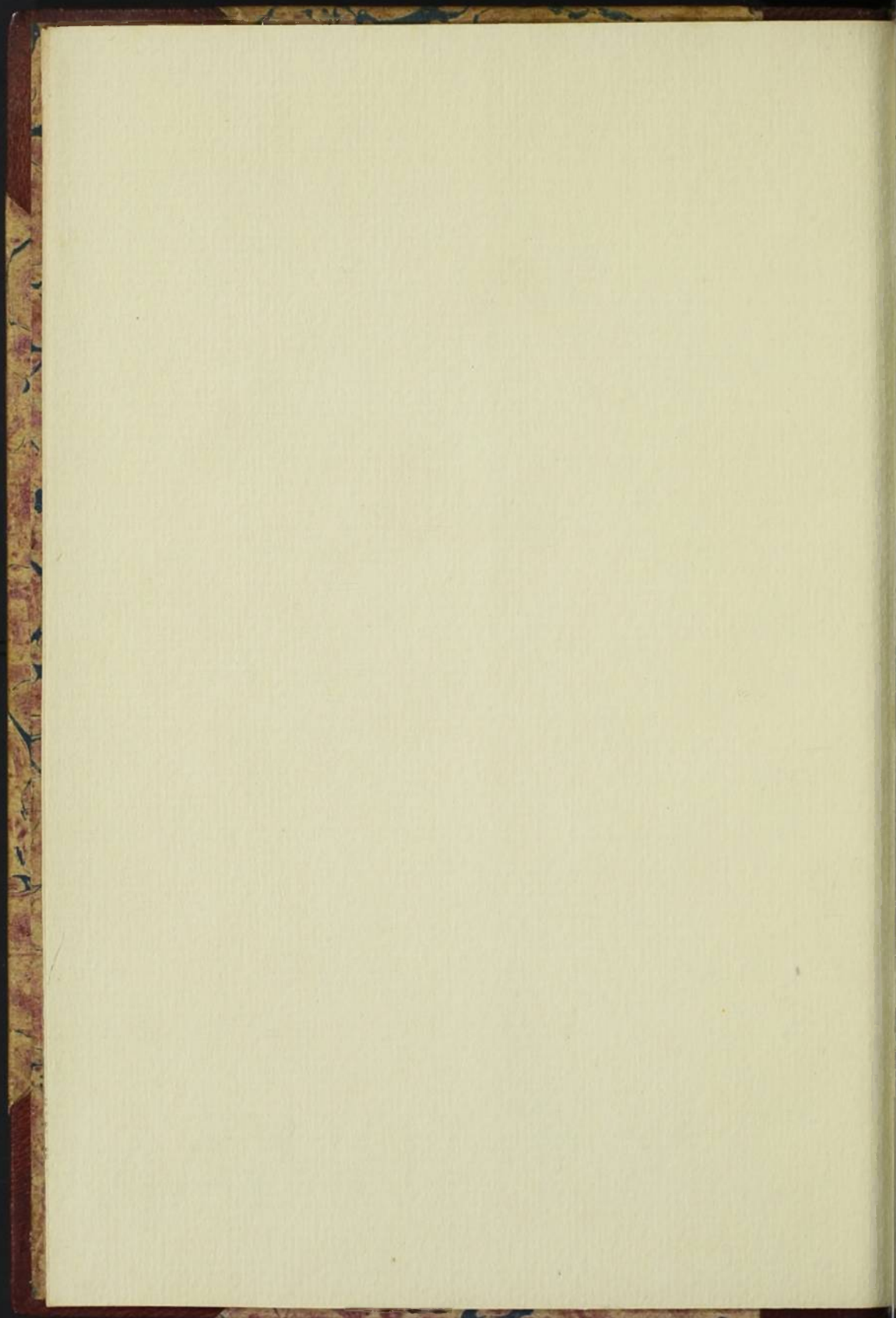
EX-LIBRIS

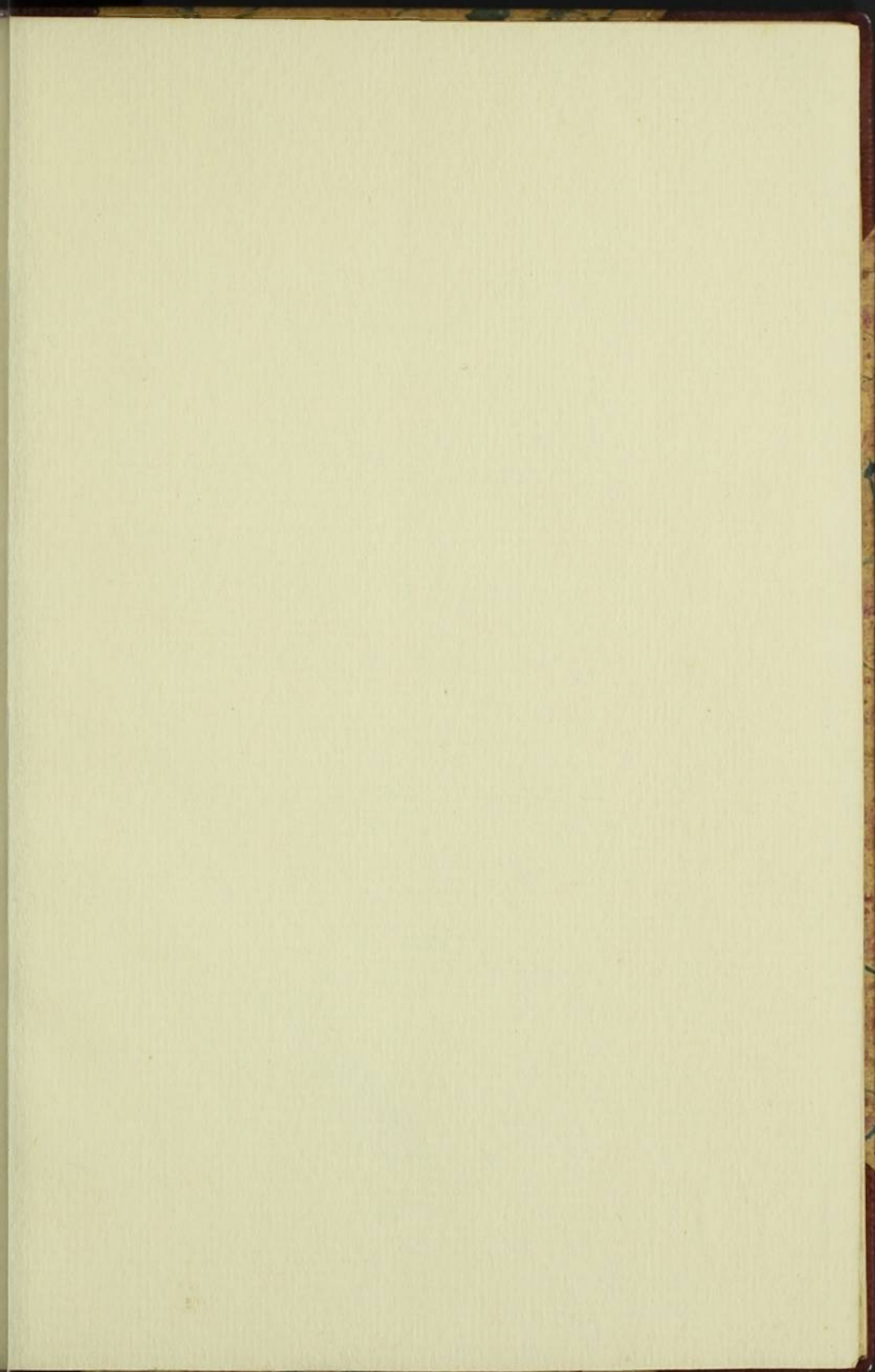
RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

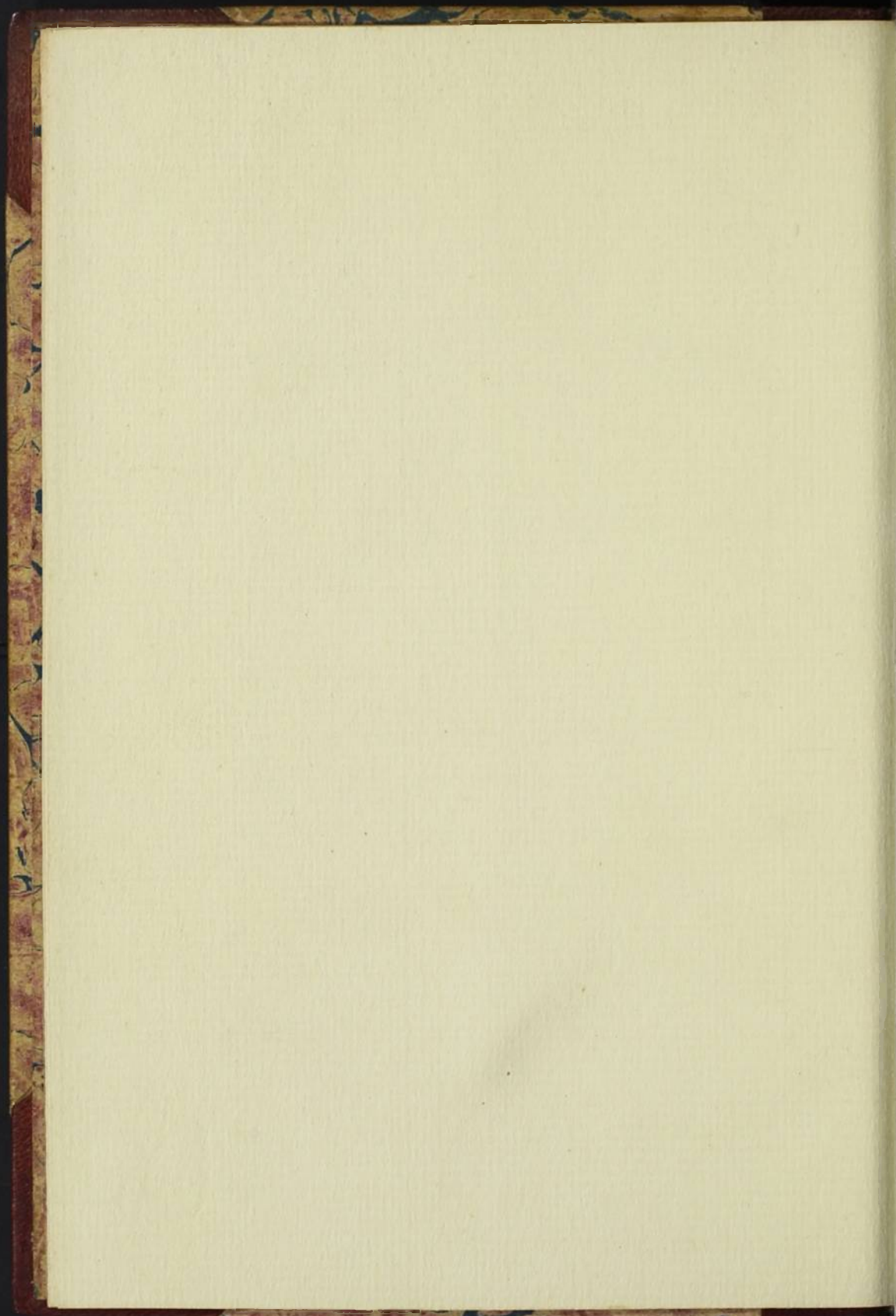


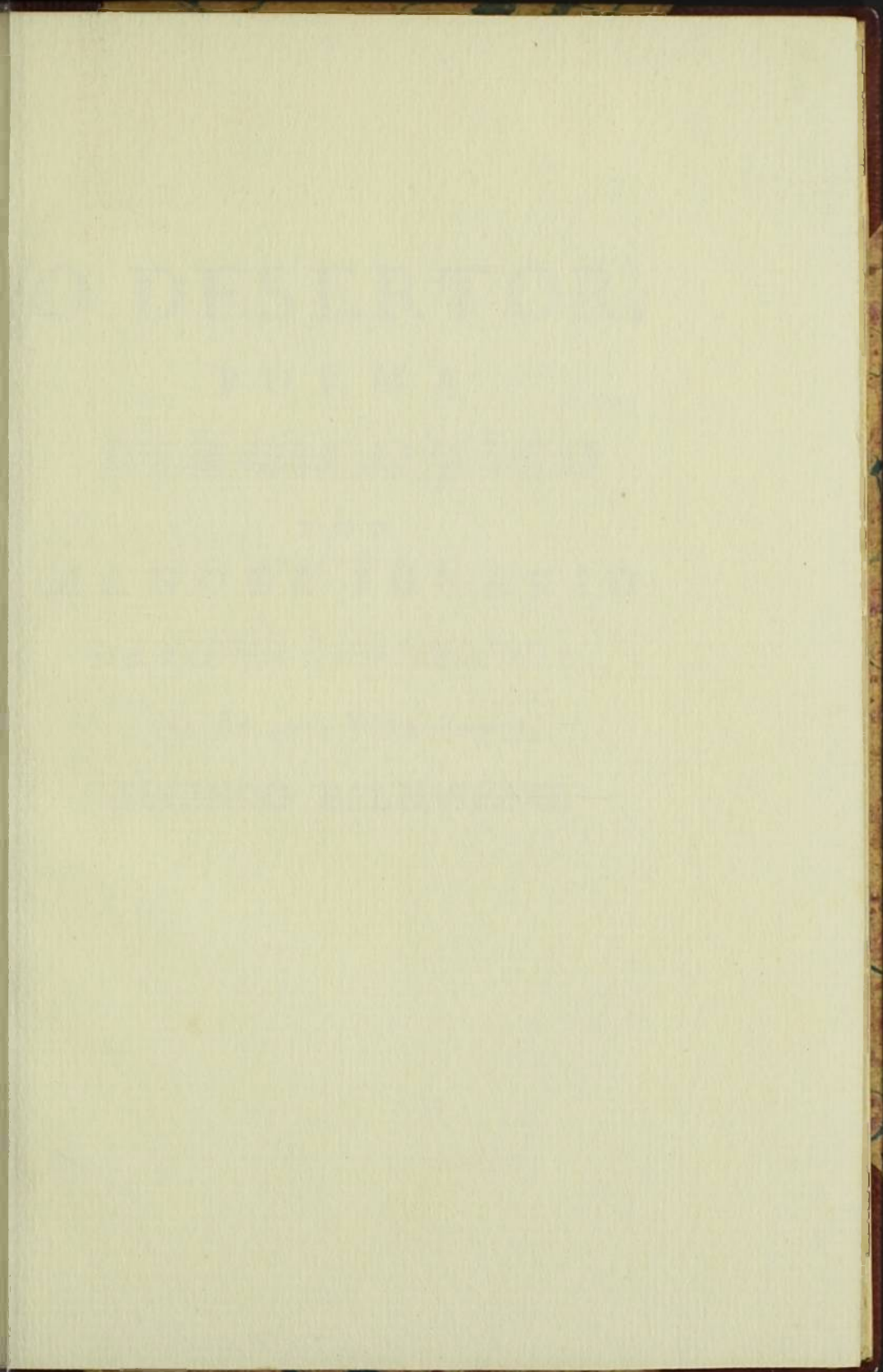


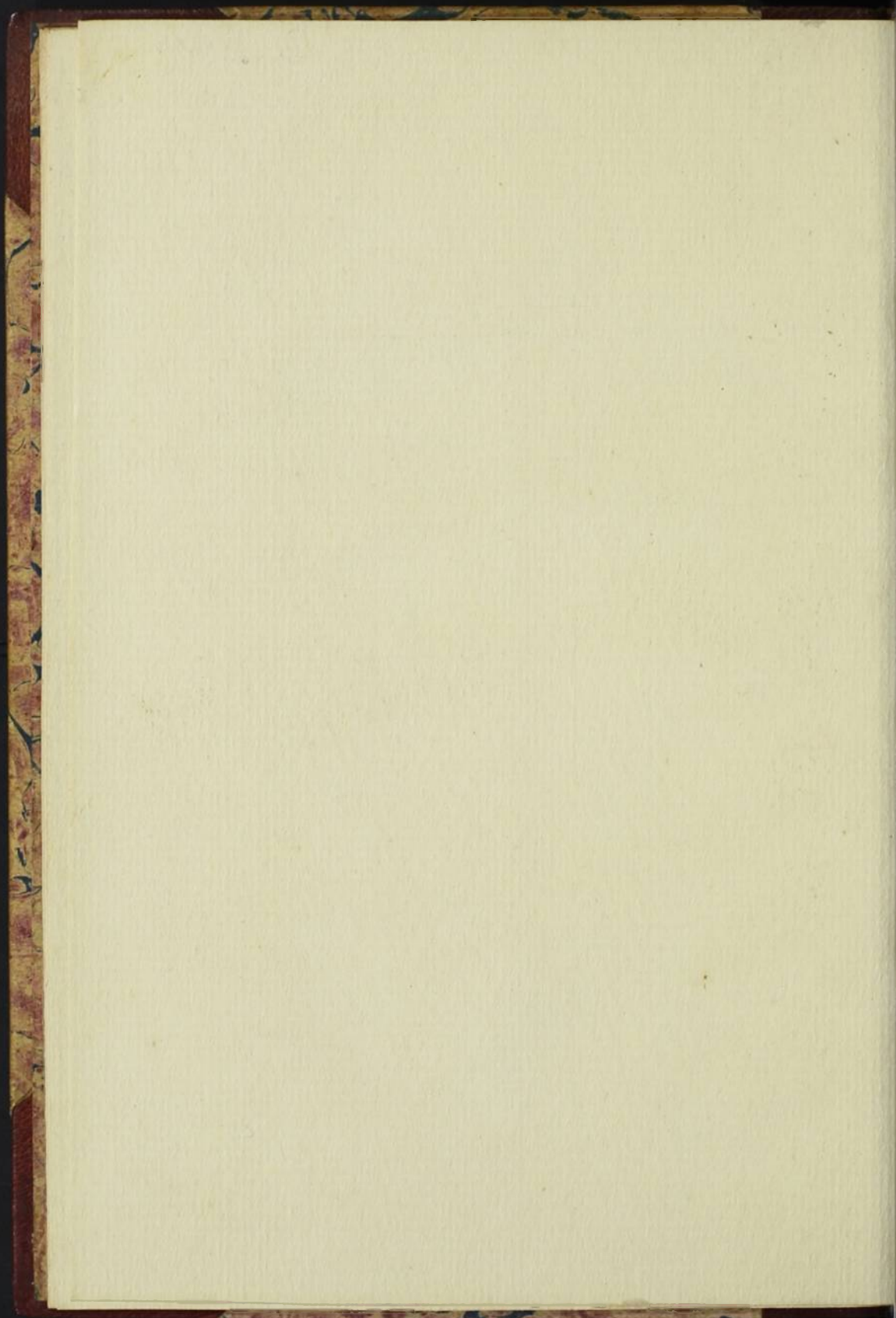












O DESERTOR.

P O E M A

HEROI-COMICO

P O R

M A N O E L I G N A C I O

DA SILVA ALVARENGA,

NA ARCADIA ULTRAMARINA

ALCINDO PALMIRENO.

O DESERTOR.

ROMA.

HERNANDEZ

FOR

MANUEL IGNACIO

DE ALBA

DE ALBA

ALONSO MARTINEZ

DISCURSO

S O B R E O

POEMA HEROI-COMICO.

A Imitação da Natureza , em que consiste toda a força da Poesia , he o meio mais efficaz para mover , e deleitar os homens ; porque estes tem hum innato amor á immitação , harmonia , e rythmo. Aristoteles , que bem tinha estudado a origem das paixcens , assim o affirma no cap. 4. da Poet. Este innato amor foi o que logo ao principio ensinou a imitar o Canto das Aves : elle depois foi o inventor da Flauta , e da Poesia como felizmente exprimio Lucrecio no liv. 1. v. 1378.

*At liquidas avium voces imitari ore
Ante fuit multo , quam levia carmina cantu
Concelebrare homines possent, aureisque juvare.
Et Zephyri cava per calamorum sibila primum
Agrestes docuere cava instare cicutas.*

O prazer , que nos causaõ todas às artes imitadoras , he a mais segura prova deste principio. Mas assim como o sabio Pintor para mover a compaixão não representa hum quadro alegre , e risinho ; tambem o habil Poeta deve escolher para a sua imitação acçoens con-

ducentes ao fim que se propoem : por isso o Epico , que pertende inspirar a admiração , e o amor da virtude , imita huma acção na qual possa apparecer brilhantes o valor , a piedade , a constancia , a prudencia , o amor da Patria , a veneração dos Principes , o respeito das Leis , e os sentimentos da humanidade. O Tragico , que por meio do terror , e da compaixão deseja purgar o que ha de mais violento em as nossas paixoes , escolhe acção , onde possa ver-se o horror do crime acompanhado da infamia , do temor , do remorso , da desesperação , e do castigo : em quanto o Comico acha nas acçoens vulgares hum dilatado campo a irrisão , com que reprehende os vicios.

Qual destas imitações consegue mais depressa o seu fim , he difficil o julgar ; sendo tão differentes os caracteres , como as inclinaçoens ; mas quasi sempre o coração humano regido pelas leis do seu amor proprio , he mais facil em ouvir a censura dos vicios , do que o louvor das virtudes alheas.

O Poema chamado Heroi-comico , porque abraça ao mesmo tempo huma e outra especie de poesia , he a imitação de huma acção comica heroicamente tractada. Este Poema pareceo monstruoso aos Criticos mais escrupulosos ; porque se não póde (dizem elles) assignar o seu verdadeiro caracter. Isto he mais huma nota pueril , do que bem fundada critica ; pois a mistura do heroico , e do comico não

9

involve a contradição, que se acha na Tragi-comedia, onde o terror, e o riso mutuamente se destroem.

Naõ obsta a authoridade de Plataõ referida por muitos; porque quando este Filosofo no Dialogo 3. de sua Republica parece dizer que são incompativeis duas diversas imitações, falla expressamente dos Authores Tragicos, e Comicos, que já mais serão perfeitos em ambas.

Esta Poesia não foi desconhecida dos Antigos. Homero daria mais de hum modello digno da sua mão, se o tempo, que respeitou a *Batrachomyomachia*, deixasse chegar a nós o seu *Margites*, de que falla Aristoteles no cap. 4. da *Poet.* dizendo, que este poema tinha com a Comedia a mesma relação, que a *Iliada* com a Tragedia. O *Culex*, ou seja de Virgilio, ou de outro qualquer, não contribue pouco para confirmar a sua antiguidade.

Muitos são os poemas heroi-comicos modernos. A *Secchia rapita* de Tassoni he para os Italianos o mesmo que o *Lutrin* de Boileau para os Francezes, e o *Hudibras* de Butler, e o *Rape of the lock* de Pope para os Inglezes.

Huns sugerirão o poema heroi-comico a todos os preceitos da Epopea, e quizerão que só differisse pelo comico da acção, e misturarão o ridiculo, e o sublime de tal forte, que servindo hum de realce a outro, fizerão apparecer novas bellezas em ambos os generos. Outros omitindo, ou talvez desprezando al-

gumas regras, abtiraõ novos caminhos á sua engenhosa fantasia, e mostráraõ disfarçada com innocentes graciosidades a critica mais insinuante, como M. Gresset no seu Ververt.

Naõ faltou quem tractasse comicamente huma acção heroica; mas esta imitação naõ foi tambem recebida, ainda que a Parodia da Eneida de Scarron possa servir de modello.

He desnecessario trazer á memoria a authoridade, e o successo de taõ illustres Poetas para justificar o Poema Heroi-comico, quando naõ ha quem duvide, que elle, porque imita, move, e deleita: e porque mostra ridiculo o vicio, e amavel a Virtude, consegue o fim da verdadeira poesia.

Omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci;
Horat. Poet. v. 342.

*Discit enim citius, meminitque libentius illud,
Quod quis deridet, quam quod probat, ac
veneratur.*

Horat. Epist. 1. 1. 2. v. 262.



O DESERTOR.



CANTO I.

MU^sas cantai o Desertor das letras ;
Que , depois dos estragos da Ignorancia ;
Por longos , e durissimos trabalhos
Conduzio sempre firme os companheiros
Desde o loiro Mondego , aos Patrios montes :
Em vão se oppoem as luzes da Verdade
Ao fim , que já na idéa tem proposto :
E em vão do Tio as iras o ameaçaõ.

E tu , que á sombra d'huma mão benigna ;
Genio da Lusitania , no teu seio
De novo alentas as amaveis Artes ;
Se ao surgir do lethargo vergonhoso
Não receas pisar da Gloria a estrada ,
Dirige o meu batel , que as vélas solta ;
O porto deixa , e rompe os vastos mares
De perigosas Syrtes povoados.

Quaes seriaõ as causas , quaes os meios
Porque Gonçalo renuncia os livros ? Os

Que depois dos estragos da Ignorancia. Depois de aboli-
dos os velhos Estatutos pela creação da nova Universidade;

Os conselhos , e industrias da Ignorancia
 O fizeraõ curvar ao peso enorme
 De taõ difficil , e arriscada empreza.
 E tanto póde a rustica progenie !

A vós , por quem a Patria altiva enlaça
 Entre as pennas vermelhas , e amarellas
 Honrosas palmas , e sagrados louros,
 Firme columna , escudo impenetravel
 Aos assaltos do Abuso , e da Ignorancia ,
 A vós pertence o proteger meus versos.
 Consenti que elles voem sem receio
 Vaidosos de levar o vosso Nome
 Aos apartados climas , onde chegaõ
 Os écos immortaes da Lusa gloria.

Já o invicto Marquez com regia pompa
 Da risonha Cidade avista os muros,
 Já toca a larga ponte em aureo coche.
 Alli junta a brilhante Infantaria ;
 Ao ronco som de musica guerreira
 Troveja por espaços : a Justiça
 Fecunda mãi da Paz , e da abundancia

Vem

E tanto póde a rustica progenie ! Virg. En. l. i.
 Tantæ ne animis coelestibus iræ. M. Despreaux no Canto I.
 do Lutrin.

Tant de fiel entre-til dans l'ame de Devots !

Já o invicto Marquez com regia pompa. O Illustrissimo,
 e Excellentissimo Senhor Marquez de Pombal entrou em
 Coimbra como Plenipotenciario , e Lugar Tenente de Sua
 Magestade Fidelissima para a creação da Universidade em
 23 de Setembro de 1772.

Vem a seu lado : as Filhas da Memoria
 Digna immortal corôa lhe offerecem ,
 Premio de seus trabalhos : as Sciencias
 Tornaõ com elle aos ares do Mondego ;
 E a Verdade entre jubilos o aclama
 Restaurador do seu Imperio antigo.
 Brillhante luz , patema liberdade ,
 Vós , que fostes n'hum dia sepultadas
 Co' bravo Rei nos campos de Marrócos ;
 Quando traidoras , impias mãos o armáraõ
 Victima illustre de ambição alhea ,
 Tornai , tornai a nós. Da regia stirpe
 Renasce o vingador da antiga affronta.
 Assim o novo Scipião crescia
 Para terror da barbara Carthágo.
 Possaõ meus olhos ver o Ismaelita
 Nadar em sangue , e pállido de susto
 Fugir da morte , e mendigar cadêas ;
 E amontoando Lâas sobre alfanges
 Formar degráos ao Throno Lusitano.
 Dissiparaõ-se as trevas horrorosas ,

Que

Co' bravo Rei nos campos de Marrócos. O Senhor Rei D. Sebastião ficou em Africa no anno de 1578 , e se perdeu com elle a liberdade Portugueza , donde nasceraõ as funestas consequencias , que até agora se fizeraõ sentir.

Renasce o vingador da antiga affronta. O Serenissimo Senhor D. Jozé Principe herdeiro.

Assim o novo Scipião crescia. Publio Cornelio Scipião vingou a morte de seu Pai , e Tio destruindo Carthago.

Possaõ meus olhos ver o Ismaelita. Os Moiros são descendentes de Ismael filho de Agar.

Que os bellos horrizontes affombravaõ ;
 E a suspirada luz nos apparece.
 Tal depois que raivoso , e sibillante
 Sobre o carro da Noite o Euro açoita
 Os tardios cavallos de Boótes ,
 E insulta as terras , e revolve os mares ;
 Raia a manhã serena entre douradas ,
 E brancas nuvens : ri-se o Ceo , e a Terra :
 O Vento dorme , e as Horas vigilantes
 Abrem ao claro Sol a azul campanha.

A soberba Ignorancia em tanto observa ,
 E se confunde ao ver o proprio throno .
 Abalar-se , e cahir : o seu ruido
 Redobra os écos nos oppostos valles ,
 E o Mondego feliz ao mar undoso
 Leva alegre a ncticia , porque chegue
 Das suas praias aos confins da Terra.
 Ella abatida , e só naõ acha abrigo ,
 E desta forte em seu temor suspira.

Verei eu sepultar-se entre ruinas
 O meu reino , o meu nome , e a minha gloria ;
 Depois de ser temida , e respeitada ?
 Pobre resto de miseros vassallos
 Naõ ha mais que esperar. Já fui rainha :

Já

Sobre o carro da noite o Euro açoita. Euro o vento vulgarmente chamado L'Este. Boótes constellação na cauda da Urça , ou a Guarda.

Os tardios cavallos de Boótes. Juvenal Sat. 5. v. 23.
 Frigida circumagunt pigri Sarraca Bootæ,

Já fostes venturosos : não sofframos
 As injurias , que o vulgo nos prepara :
 Injurias mais crueis do que a desgraça.
 Deixemos para sempre estes terriveis
 Climas de mágoa , iusto , horror , e estrago.
 Mostrai-me algum lugar desconhecido ,
 Onde occulta repouse , até que possa
 Tomar de quem me offende alta vingança.
 Mas onde , se hum Prelado formidavel
 Esse Argos , que me affusta , vigilante
 Ao lugar mais remoto estende a vista ?
 Monstros do cego abyssimo , em meu soccorro
 Empenhai o poder do vosso braço ;
 Que se entre os homens me faltar asylo ,
 Ao triste vaõ dos asperos rochedos ,
 Onde o Tenaro escuro , e cavernoso
 Da morada sombria as portas abre ,
 Irei chorar meus dias sem ventura :
 Irei Assim fallando misturava
 Gemidos , e soluços , que suffocaõ
 Dentro do peito a voz , e humedecia

Co'

Mas onde se hum Prelado formidavel. O Illustrissimo , e
 Excellentissimo Senhor Bispo de Coimbita Reitor , e Re-
 formador da Universidade.

*Argos fingio a fabula ser Pastor de Theffalia , que tinha
 cem olhos , a quem Juno deo a guardar Jo filha de Ina-
 cho Rei dos Argivos.*

Onde o Tenaro escuro , e cavernoso. Promontorio de La-
 caonia , onde ha huma cova profundissima , que os antigos
 chamaraõ a porta do Inferno. Virg. Georg. l. 4. v. 467.
 Tenarias etiam fauces alta ostia Ditis.

Co' pranto amargo a face descorada.
 Mas logo , serenando o rosto afflicto ,
 Corre por entre sustos , e esperanças
 Ao caro abrigo do fiel Gonçalo.
 A sonolenta , a pigra Ociosidade
 Por esta vez deixou de acompanhá-la :
 E a languida Preguiça forcejando
 Póde apenas segui-la com os olhos.

Toma a fôrma d'hum célebre Antiquario
 Sebastianista accerrimo , incançavel ,
 Libertino com capa de devoto.
 Tem macilento o rosto , os olhos vivos ;
 Pesado o ventre , o passo vagaroso :
 Nunca trajou á moda : huma casaca
 Da côr da noite o veste , e traz pendentés
 Largos canhoens do tempo dos Affonsos. ;
 Dizem que o tempo da mais bella idade
 Consagrou ás questoes do Peripáto.
 Já vio passar dez lustros , e experiente
 Sabe enredos urdir , e por-se em salvo.
 Entra por toda a parte , e em toda a parte]
 He conhecido o nome de Tiburcio.

Gonçalo , que foi sempre deseioso
 Da mais bella instrucção , lia , e relia
 Ora os longos acafos de Rozaura ,

Ora

Ora os longos acafos de Rozaura. Carlos , e Rozaura ,
 constante Florinda , e Carlos Magno são romances muito
 conhecidos.

Ora as tristes desgraças de Florinda ,
 E sempre se detinha com mais gosto
 Na cova Tristifea , e na passagem
 Da perigosa ponte de Mantible.
 Repetia de côr de Albano as queixas
 Chamando a Damiana injusta , ingrata ;
 Quando Tiburcio apaixonado , e triste
 Ralhando entrou. Que esperas tu dos livros ?
 Crês que ainda appareção grandes homens
 Por estas invençoens , com que se apartaõ
 Da profunda sciencia dos antigos ?
 Morreraõ as *postillas* , e os *Cadernos* :
 Cahio de todo a *Ponte* , e se acabaraõ
 As *distincçoens* , que tudo defendiaõ ,
 E o *ergo* , que fará saudade a muitos !
 N'outro tempo dos Sabios era a lingua
Fôrma , e mais *fôrma* : tudo em fim se acaba ,
 Ou se muda em peor. Que alegres dias
 Naõ foraõ os de Maio , quando a estrada
 Se enchia de Arrieiros , e Estudantes !
 O' tempo alegre , e bemaventurado !
 Que facil era entraõ o azul Capello
 Adornado de franjas , e alamares ,
 O rico anel , e fluctuante borla ,
 Honra , e fortuna , que chegava a todos !
 Hoje he grande a carreira , e serãõ raros
 Os que se atrevaõ a tocar a méra :
 A' Gonçalo ! Gonçalo ! que mais vale

Tr-

Cahio de todo a ponte. O methodo escolastico. Quem
 conhecco a Logica peripatetica , naõ ignora qual seja esta
 ponte.

Tirar co'a propria mão no fertil Souto
 Molles castanhas do espinhoso ouriço!
 Quanto he doce ao voltar da Primavera
 O faboroso mel no louro favo!
 O' alegre, e famosa Mioselha
 Fertil em queijos, fertil em tramoços!
 Só lá de romaria em romaria
 Podes viver feliz, e descansado:
 Quem te obriga a levar sobre os teus hombros
 O desmedido pezo, que te espera?
 Não tenhas do bom Tio algum receio:
 Comigo irás: bem sabes quanto posso.
 Se te envergonhas de ser fô, descança;
 Fiel parente amigo inseparavel
 Eu farei que abraçando o mesmo exemplo
 Muitos se apressem a seguir teus passos.

Assim fallava: quando hum ar de riso
 Apareceo no rosto de Gonçalo.
 Tudo o que se dese'a se acredita;
 Nem ha quem o seu gosto desaprove.
 Elle porque já traz no pensamento
 Poupar-se dos estudos á tadiga
 Não vacilla na escolha, e se aproveita
 Da feliz occasião, que lhe assegura
 O meditado fim de seus desejos.

Convocaõ-se os heróes, e deliberaõ
 Em pleno consistorio, onde Gonçalo
 Silencio pede, e assim a todos falla:
 Heróes, a quem huma alma livre anima,
 Que

Que desprezando as Artes , e as Sciencias ,
 Ides buscar da Patria no regaço
 Longe da fugeição , e da fadiga
 Doce descanso , amavel liberdade :
 Se algum de vós (o que eu não creio) ainda
 Tem n'alma o vão desejo dos estudos ,
 Levante o dedo ao alto. Huns para os outros
 Olharaõ de repente , e de repente
 Rouco , e brando sussurro ao ar se espalha :
 Qual nos bosques de Tempe , ou nas frondosas
 Margens , que banha o placido Mondego ,
 Costuma ouvir-se o Zefiro suave ,
 Quando menêa os alamos sombrios.
 Nenhum alçou a mão , e a Ignorancia
 Pareceo consolar-se , imaginando
 Sonhadas glorias de futuro imperio.

Dispoem-se a companhia , e se aparelha
 Para partir antes que o Sol defate
 Sobre a Terra orvalhada as tranças d'ouro.
 Tiburcio tudo aprompta. Mas Janeiro
 Loquaz , traidor , domestico inimigo
 Vôa de casa em casa publicando
 Da forte esquadra a proxima partida.

Guiomar , velha que ha muito que insensivel
 A's delicias do amor , afferrolhando
 Emmagrece nos miseros cuidados
 Da faminta ambição , e he na Cidade

Hu-

*Qual nos bosques de Tempe. Lugar de Tessalia celebre
 pela amenidade dos seus bosques.*

Huma ave de rapina , que entre as unhas
Leva tudo o que encontra aos ermos cumes
Da escavada montanha , onde a festejaõ
Co' a boca aberta os ávidos filhinhos :
Triste agora , e infeliz ouve , e se affusta
Das noticias crueis , que o Moço espalha
O' Ama desgraçada ! O' dia infausito !
Agora que esperava mais socego
Principiaõ de novo os meus trabalhos !
Estas , e outras palavras arrancava
Do peito descontente , em quanto a Filha
Amorosa , e fagaz estuda os meios ,
Com que possa deter o ingrato amante :
Faz ajuntar de partes mil á pressa
Cordoens , e aneis , e a pedra reluzente ,
Que os olhos desafia : os seus cabellos ,
Que desconhecem o toucado , empasta
Co' a cheirosa pomada : a Mãi se lembra
Da propria mocidade , e lhe vai pondo
Com a tremula maõ vermelhas fitas.
Simples noiva da aldêa , que ao mover-se
Teme perder o defusado adorno ,
Nunca formou mais vagarosa os passos.
Narciza chega entre raivosa , e triste ,
E fingindo esquecer-se da mantilha
Para mostrar-se irada , desta sorte
Em alta voz lhe falla. Será certo
Que pertendes fugir , e que me deixas
Infeliz , enganada , e descontente ?
Assim faltas cruel , pérfido , ingrato
D' hum longo amor aos ternos juramentos ?

Não

Naõ disseste mil vezes mas que importa
 Que os meus males recorde? em fim perjuro
 As tuas vans promessas me enganaraõ.
 Justiça pedirei ao Ceo , e ao Mundo :
 O mundo tem prizoens , o Ceo tem raios.

Fallava ; e o Heróe , que arrasta ainda
 D'hum incommodo amor os duros ferros
 Parece vacillar ; quando Tiburcio
 Dá conselhos a hum , a outro ameaça
 Pondo irados os olhos em Narciza.
 Diz-lhe que em vaõ suspira , que em vaõ chora
 E que sempre tiveraõ as mulheres
 Para enganar aos miseros amantes
 As lagrimas no rosto , o riso na alma.
 Gonçalo entaõ , que o seu dever conhece ,
 Dá provas de valor , e de prudencia.
 Ouve Narciza bella (lhe dizia)
 Serena a tua dôr , e os teus queixumes :
 O teu pranto me move , injusto pranto ,
 Que o meu constante amor de ingiato accusa :
 Socega : a nova herança d'hum morgado
 He quem me chama , a ausencia será breve.
 Tempo depois virá , que em doces laços
 Eterno amor as nossas almas prenda ,
 E entraõ farás tibornas e magustos.
 Nem sempre cobre o mar a longa praia :
 Nem sempre o vento com furor raivoso
 Do robusto pinheiro o tronco açoita.

B

Aca-

Tiborna Comida feita de pão e azeite novo.
Magusto. Castanhas assadas, e vinho.

Acaba de fallar , e lhe offerece
 A leve bolsa , que Narciza aceita
 Como penhor sincero de amizade ,
 Bolsa , que deve ser na dura ausencia
 Breve consolação de tristes mágoas.

O experto Amigo , que se mostra em tudo
 Companheiro fiel , com os olhos tristes ,
 Pondera os longos , e asperos caminhos :
 Lembra funestas noites de estalagem ,
 E adverte em vão , que ao menos por cautella
 Deve fazer-lhe a bolsa companhia.
 Deixando em fim inuteis argumentos
 Remette a decisaõ ao proprio braço.
 Não se esquecem das unhas , nem dos dentes
 Armas , que a todos deo a Natureza.
 Ouvem-se pela casa em som confuso
 As troncadas injurias , e os queixumes.
 Assim dois caens , se o hospede imprudente
 Lança da meza os ossos esburgados ,
 Promptos avançam ; d'huma , e d'outra parte
 Se vê firme o valor : mordem-se , e roíam ;
 Mas não cessa a contenda. Amigo , e amante
 Que farias Gonçalo em tanto aperto ?
 Concorre a plebe , e o fervido tumulto
 Vai pelas negras furias conduzido
 Despertando nos peitos a desordem.
 Ninguem sabe porque , mas todos gritaõ.
 Já voaõ as cadeiras pelos ares :
 Pedras , e páos de longe se arremeçaõ.
 E se a candida Paz com rosto alegre

Serenou as desgraças deste dia ,
Os teus dentes , intrepido Gonçalo ,
Viste voar em negro sangue envoltos.
Torna alegre Narciza , e cinco vezes
Abrio a bolsa , e numerou a prata :
Fez diversas porçoens , que n'hum momento
Tornou a confundir : não d'outra sorte
O menino impaciente , e cubiçoso ,
Quando alcança o que ha muito lhe negavaõ ,
Repara , volta , move , ajunta , espalha ,
E neste giro o seu prazer sustenta.

Em tanto a mái , que já por experiencia
Os enganos conhece mais occultos ,
Busca novos pretextos de vingança
Fingindo torpes , e horrorosos crimes ,
E espera ouvir gemer em poucas horas
O mancebo infeliz em prizaõ dura.
Mas Rodrigo , que ouvio o rumor vago
A' pressia chega , e desta forte falla.

Que desgraça te esperaõ ! foge , foge
Gonçalo em quanto ha tempo : gente armada
Vem logo contra ti. Guiomar convoca
Todo o poder do mundo : hum sõ momento
Não percas , caro amigo ; os companheiros
Com alvoroço esperaõ. A' deixemos ,
Deixemos d'huma vez estas paredes ,
Onde co' proprio sangue escripta deixas
De teu tragico amor a breve historia.
He já outro o Mondego : a liberdade

Destes campos fugio , e só ficaraõ
 A dura fugeiçaõ , e o triste estudo.
 Em fim heide apartar-me desta sorte ?
 O' sempre tristes , sempre amargos sejaõ
 Os teus ultimos dias , velha infame.
 Gonçalo assim chorando , monta , e parte.

C A N T O II.

C Om largo passo longe do Mondego
 Alegre a forte gente caminhava.
 Gonçalo excede a todos na estatura ,
 Na força , no valor , e na destreza.
 Sobre hum magro jumento se escarrancha
 Tiburcio , e já d'hum ramo de salgueiro
 Defata ao Norte fresco , que assõbia ,
 Por vistoso estandarte hum lenço pardo.
 Cosme infeliz , e sempre namorado
 Sem ser correspondido , vai faudofo ,
 Ama , e não sabe a quem : vive penando ,
 E se consola só porque imagina
 Que tem de conseguir melhor ventura.
 Rodrigo , que de todos desconfia ,
 He de indole grosseira , e genio bruto ,
 Não conhece os perigos , nem os teme :
 Melancolico sempre , vai por gosto
 Viver na choça , aonde foi creado.
 Qual o Tatú , que o destro Americano

Vi-

*Qual o Tatu , que o destro Americano. Lin. syst. nat. Zool.
 edic. 10. tom. 1. pag. 50. Dasypus,*

Vivo prendeo , e em vão depois se cança
Por faze-lo domestico , que sempre
Temeroso nas conchas se recolhe
E parece fugir á luz do dia.

Tambem vinha Bertoldo , e traz consigo
Carunchosos papeis por onde affirma
Vir do septimo Rei dos Longobardos.

Grita contra as riquezas , a Fortuna
Segundo o que elle diz não muda o sangue :
Piza com força o chaõ , e empavezado
De acçoens , que elle não pôde chamar suas ,
Aos outros trata com feroz desprezo.

Iracundo Gaspar , que te enfureces
No jogo , e quando perdes não duvidas
Metter a mão á ferrugenta espada ,
Tu não ficaste : as noites sobre os livros
Não queres supportar , porque não temes
Da já viuva mái as froxas iras.

Nem tu Alberto alegre , e desejado
Nas vistosas funçoens das romarias ,
Que és vivo prompto , e agil , e nos bailes
Tens fama de engraçado , e gargantêas
Co' a viola na mão trocando as pernas.

Os que aprendem o nome dos authores ,
Os que lem só o prologo dos livros ,
E aquelles , cujo somno não perturba
O concavo metal , que as horas contra ,
Seguirão as bandeiras da ignorancia
Nos incriveis trabalhos desta empreza. O

Vir do septimo Rei dos Longobardos. Povos de Escandinavia, e Pomerania, que se apoderaraõ da parte da Gallia Cisalpina em 568.

O Sol já sobre os campos de Amphitrite
Inclina o carro , e as nuvens carregadas
Inportunos chuveiros ameaçaõ ;
Quando a velha estalagem os recebe.

Meza de tofco pinho se povôa
De negras azeitonas , e falgado
Queijo , que estima a gente que mais bebe.
D'hum lado , e d'outro lado se levantaõ
Picheis , e copos , em o vinho abunda.
Corriaõ para aqui defafiados
Rodrigo o triste , e o glotaõ Tiburcio.
Este instante fatal he que decide
Da dubia forte dos heróes cobrindo
Hum de eterna vergonha , outro de gloria.

A feia Noite , que aborrece as luzes ,
Desce dos altos montes com mais pressa
Por ver este combate , e affugentada
Pela sombria luz d'huma candêa
De longe observa o novo desafio.
Hum , e outro occupando as mãos , e a boca
Avidamente a devorar começa.
Assim esse animal grosseiro , e pingue ,
Que de alpeftres bolótas se sustenta ,
A' pressa come , e tendo huma nos dentes ,
N'outra tem o desejo , e n'outra a vista.
Rodrigo quasi certo da victória
Co' as mãos ambas levanta hum grande cópo ,
Cópo digno de Alcides , e á faude
De todos os famosos Desertores

De huma vez o esgotou : entã Tiburcio
Cheio de nobre ardor , fechando os olhos
Toma hum largo pichel , e assim lhe falla.

Vasilha da minha alma , tu que guardas
A alegria dos homens no teu feio ,
E tu filho da cêpa generoso ,
Se estimas , e recebes os meus votos ,
Derrama sobre mim os teus encantos.
Jã tinha dito muito : e em quanto bebe
Voa a cega Discordia , que se nutre
De fangue , e de vingança , e sobre os côpos
Tres vezes sacodio as negras azas.
Viaõ-se já nos lividos semblantes
A raiva sanguinosa , a má tristeza
A Noite , a quem o Acaço favorece ,
Estende a fusca mão , e a luz abafa.
Veloz passa o furor de peito em peito ,
Perturba os coraçoes , e inspira o odio.

Só tu Gonçalo descrever podéras
Os terriveis estragos desta noite ,
Tu , que posto debaixo d'huma banca
(Por não manchar as mãos no fangue amigo)
Sentiste pela casa , e pelos ares
Rolar os pratos , e tinir os côpos.
Range os dentes Gaspar , e pelo escuro
Não acerta co' a espada , nem co' a porta :
Quando Ambrosio , que tinha envelhecido
Da Estalagem na mísera officina
Co' a candêa na mão assim fallava.

He

He crível , que entre vós já mais se encontre
 Hum genio docil , serio , e moderado ?
 Isto deveis ás letras ? respondi-me ,
 Ou insultai tambem os meus cabellos
 Da triste , e longa idade embranquecidos.
 Julgais acaso , que o saber se infunde
 Deixando o vosso nome assignalado
 Pelos muros , e portas da Estalagem ?
 O' nescia mocidade ! he necessario
 Muito tempo soffrer , gastando a vista
 Na continua lição , e sobre os livros
 Passar do frio Inverno as longas noites.
 E quando já tivesses conseguido
 De tão bella carreira os dignos premios ;
 Muito pouco sabeis , se inda vos falta
 Essa grande Arte de viver no mundo ;
 Essa , que em todo o estado nos ensina
 A ter moderação , honra , e prudencia.
 Eu tambem já na flor da mocidade
 Varrî co' a minha capa o pó da falla :
 Eu tambem fui do *rancho da carqueja* ,
 Digno de fama , e digno de castigo.
 Era então como vós. Já mais os livros
 Me deverão cuidado , e me alegrava
 Das nocturnas emprezas , dos disturbios :
 Os dias se passavaõ quasi inteiros
 Nos jogos , nos passeios , nas intrigas ,
 Que fomentaõ os odios , e as vinganças.

Por

*Eu tambem fui do rancho da carqueja. Esta Companhia
 de Estudantes commetteo muitos crimes, e foi dispersa,
 e castigada.*

Por isso estou no seio da miseria :
 Por isso arrasto huma infeliz velhice
 Sem honra , sem proveito , sem abrigo:
 Tempo feliz da alegre mocidade !
 Hoje encurvado sobre a sepultura
 Eu choro em vão de vos haver perdido !
 Assim suspira , geme , e continua :
 Conservai sempre firme na memoria
 D'hum velho desgraçado o triste exemplo ,
 E aprendei a ser bons , que a vossa idade
 As indignas acçoens não justifica.
 Mas se vós desprezais os meus conselhos ,
 Nunca gozeis o premio dos estudos :
 Afflicçoens , e trabalhos vos opprimão ,
 Em quanto o mar das Indias vos espera.

Então Gaspar tomando o caso em brio
 Acceso de ira con valor responde ,
 Traça o capóte , e tira pela espada.
 O velho grita , e foge : ás suas vozes
 De rusticos hum povo se enfurece ,
 E toma as armas , e bradando avança.
 Qual nos immensos , e profundos mares
 O voraz Tubaraõ entre o cardume
 De argentadas Sardinhas : ellas fogem ,
 Deixaõ o campo , e nada lhe resiste ;
 Assim Gonçalo , a quem já todos temem ,
 Faz espalhar a turba , que o rodêa ,
 E só deixa a quem foge de encontrallo.

Gaspar , que o rosto nunca vio ao medo ,
 A todos desafia , e não perdoa D'hu-

D'huma oliveira ao carcomido tronco ;
 Que elle julga broquel impenetravel ,
 Vendo estalar da sua espada a folha.

Da noite a densa nevoa os favorece.
 Receosos de nova tempestade
 Salvaõ as vidas os Heróes fugindo
 Por entre o mato espesso. Ouvem ao longe
 Da vingativa plebe a voz irada.
 A' clara luz das pinhas rezinosas
 Aparecem as foices , e apparecem
 Chuços , cacheiras , trancas , e machados.
 Levanta-se o clamor ; e a crua guerra ,
 Que o sangue dos mortaes derrama , e bebe ;
 Gira por toda a parte , e move as armas.
 Em tanto a valerosa companhia
 Amparada da sombra feia , e triste
 Voa por longo espaço sobre as azas
 Do pallido terror. Não d'outra sorte
 Rasos chavécos de piratas Mouros ,
 Quando os eccos do bronze fulminante
 Vem tremolar as vencedoras Quinas
 Sobre a possante Náo , que opprime os mares
 Fogem á vela , e remo , e não descançaõ
 Sem ter beijado as Argelinas praias.
 Ouvem-se entaõ diversos sentimentos.
 Chora Gaspar de se não ter vingado ,
 E ainda aqui colerico assevéra
 Que a não faltar-lhe a espada não fugira.

Eſ-

*A' clara luz das pinhas rezinosas. Costumaõ os rusticos
 accender de noite as pinhas.*

CANTO II.

Espada, que ao romper as linhas d'Elvas
Se dos velhos Avós não mente a historia
Abrio de meio a meio hum Castelhana.

Teme Bertoldo, que o encontre o Povo,
E no meio daquella escuridade
Chega-se aos mais com panico receio.
Cosme quasi insensivel aos perigos,
E aos amargos momentos desta noite,
Aproveita o silencio, o sitio, a hora
Para chorar saudades sem motivo.
Só Gonçalo pensava cuidadoso
Em salvar os afflictos companheiros.
Assim o astuto assolador de Troya,
Quando os Gregos heróes ouviu cerdosos
Grunhir nos bosques da encantada Circe,
Ou quando vio a detestavel meza
Na vasta cova do Cyclope horrendo.
Onde estarás fiel, e caro amigo!
(Dizia o conductor da stulta gente)
Se tu me faltas como irei metter-me
Nas mãos d'hum Tio rustico, inflexivel?
Voltarei? mas ó Ceos! quem me assegura
Que

As linhas d'Elvas. Gloriosa batalha, que ganhou D. Antonio Luiz de Menezes Excellentissimo Conde de Cantanhede, no anno de 1658. A este heróe tambem se deve o triumpho de Montes Claros.

Assim o astuto assolador de Troya. Ulysses cujos companheiros foram transformados por Circe Homer. odiss. l. 10. v. 238.

Ou quando vio a detestavel meza. Polyphemo devorou dois Gregos em presenca de Ulysses Odiss. l. 9. v. 289.

Que essa velha cruel , nefanda harpia
 Não tenha urdido algum funesto engano ?
 E se o Povo indignado , e offendido
 Nos vem seguindo , e ao surgir da Aurora
 Neste inculto deserto Ceo piedoso
 Longe , longe de nós tão graves damnos.

Gonçalo assim fallava , e vigilante
 Tristes horas passou , até que o dia
 Apareceo entre rosadas nuvens
 Sobre as altas montanhas do horizonte.

C A N T O III.

A Fama sobre o carro transparente ,
 Que arrastaõ ao travez do espaço immenso
 O sonoro Aquilon , e o veloz Austro ,
 Cantava o caro nome , a immortal gloria
 Do Augusto Pai do Povo. Entre milhares
 De acçoens dignas d'hum Rei , Europa admira
 O soberbo Edificio levantado ,
 Que o faudoso Mondego abraça , e adora :
 Edificio , que o tempo devorante
 Vê de longe , rodêa , teme , e foge :
 Que sustenta em firmissimas columnas
 Da sciencia immortal o Regio Throno.

Se longe da feroz barbaridade
 Os olhos abre a forte Lusitania ,
 Grande Rei esta acção he toda vossa. Em

O snoro Aquilon , e o veloz Austro. Aquilon vento septentrional, e Austro meridional.

Em tanto a Fama heroica vão seguindo
 As velozes , e incognitas noticias ,
 Que trazem , e que levão os successos
 De paiz , em paiz , de clima , em clima.
 Ellas voão em turba , enchendo os ares
 Dos eccos dissonantes , a que attendem
 Credulas velhas , e homens ociosos.
 Qual no fertil Certaõ da Ajuruõca
 Vaga nuvem de verdes Papagaios ,
 Que encobre a luz do Sol , e que em seus gritos
 He semelhante a hum povo amotinado :
 Assim vão as Noticias , e estas vozes
 Pelo campo entre os rusticos semeaõ.

Gente inexperta , alegre , e sem cuidados ,
 Fero esquadraõ , que os vossos campos tãla ,
 Vem destruindo as terras , e os lugares.
 O povo indocil , cego , e receoso ,
 Que as funestas palavras acredita :
 Toma os caminhos , e os outeiros cobre.
 Por onde irás , intrepido Gonçalo ,
 Que escapes ao furor da plebe armada ?
 Mas já os desgraçados companheiros
 Desciaõ por incognitas varedas
 Para o fundo d'hum valle cavernoso ,
 Que o Zêzere veloz lavando insulta

Co'

Qual no fertil Certaõ da Ajuruõca. Ajuruõca na lingua dos Indios sãa o mesmo que *casa de Papagaios*. Este vasto paiz nas Minas do Rio das morttes he abundantissimo destas aves.

Que o Zêzere veloz lavando insulta. Este pequeno , e arrebatado rio perde o nome no Tejo , e faz a maior parte ao seu curso por penhascos inacessiveis.

Co' as turvas aguas do gelado Inverno.
 Ha hum lugar nunca dos homens visto,
 Na raiz de dous montes sobranceiros.
 Suaõ as frias, e musgosas pedras,
 Que dos altos cabeços penduradas
 Ameaçãõ ruina ha tempo immenso.
 Já mais do Caõ feroz o ardor maligno
 Desfez a neve eterna destas grutas.
 Arvores, que se firmaõ sobre a rocha,
 Famintas de sustento á terra enviaõ
 As tortas, e longuissimas raizes.
 Pendentès caracões co' a fragil concha
 Adornaõ as obobadas sombrias.
 Neste lugar se esconde temerosa
 A Noite envolta em longo, e negro manto
 Ao ver do Sol os lucidos cavallos:
 Funebre, eterno abrigo aos tristes mochos,
 A's velhas, ás fatidicas corujas,
 Que com medonha voz gemendo augmentaõ
 O rouco som do rio alcantilado.

Rufino por seu mal sempre extremo,
 E sempre escarnecido, suspirando
 Aqui se entrega ao pallido ciume,
 D'hum puro amor ingrata recompensa.
 Contaõ, que nestas horridas cavernas
 De miseras angustias rodeado,
 Vinha exhalar os ultimos suspiros
 Queixando-se de Amor, e da Fortuna.

En-

Já mais do Caõ feroz o ardor maligno A constellação chamada a Canicula.

Entre os braços do somno repousava
Este infeliz já de chorar cansado ;
Quando a inquieta Ignorancia , que se afflige ,
De ver nestas montanhas escabrosas
Os timidos amigos , em que funda
De novo imperio a unica esperança :
Porque Rufino os acompanhe , e guie
A' pingue , e suspirada Mioselha ,
Que he de tantos heróez Patria famosa ,
Finge o rosto da bella Dorothea ,
Dorothea a mais nova , a mais humana
De quantas filhas teve o velho Amaro.
Ella a roca na cinta , as mãos no fuso
Em sonhos lhe apparece , e mais coráda ,
Que a rosa na manhã da Primavera ,
A fallar principia. Se até agora
Ingrata me mostrei a teus amores ,
Se inconstante , e perjura me chamaste ,
Da-me nomes mais doces , e ouve attento
D'huma alma amante a confissão sincera.
Sempre te amei , e espero ver unidos
Os nossos coraçoes em fortes laços
Do casto amor , que o Ceo não desaprova.
Mas eu sem nada mais , que a lá , que fio ,
Tu rico só de affectos , e palavras ,
Onde iremos , que a sordida miseria
Não seja em nossos males companheira ?
Vai-te , e longe de mim segue a ventura ,
Que firme te hei de ser em toda a idade.
Do velho Affonso o triste , e pobre filho ,
Pela dura madrastra affugentado ,

Tam-

Tambem deixou a suspirada Patria,
 E veio em poucos annos o mais rico
 Dos bens immensos, que o Brazil encerra.
 Vês tu quanto cresceo, que não cabendo
 No paterno cazal, ergue as paredes
 Até chegar ao Ceo, que testemunha
 A ditosa uniaõ com que elle paga
 O firme amor da venturosa Ulina?
 Vai pois Rufino meu, que muitas vezes
 Muda-se á terra, e muda-se a Fortuna.

Affim fallando os braços lhe offerece.
 O' que instante feliz, se Amor perverso,
 Dos ultimos favores sempre avaro,
 Não firmasse esta sombra de ventura
 Sobre as azas de hum sonho lisfonjeiro!
 Desperta o triste, e desgostoso amante,
 E não duvida que a presaga imagem
 N'outro lugar thesouros lhe promette.
 Futuros bens na idéa se apresentaõ,
 E elle crê possuillos. O' dos homens
 Continuo delirar sem fundamento!
 Que bella, e facil se nos pinta a posse
 D'hum incognito bem, que deseamos!

Já se ajuntava o esquadrão famoso
 Pela mesma Ignorancia conduzido,
 E Gonçalo primeiro affim fallando,
 Os mais em roda todos escutavaõ.

Benigno habitador de incultas brenhas
 Se hum desgraçado errante, e peregrino Den-

Dentro em tua alma a compaixão desferta,
Os meus passos dirige, antes que a fome
Com impia mão nos deixe frio pasto
A's bravas feras, ás famintas aves.

Fallava ainda: alguns estremeceraõ,
Outros amargo pranto derramaraõ.
Da boca de Rufino todos pendem.
Elle os languidos olhos levantando
Já do longo chorar enfraquecidos,
Estas vozes soltou do rouco peito:
Que Fortuna cruel, maligna, incerta
Vos trouxe a penetrar o intacto abrigo
Destes lugares ermos, e escabrosos?
Vós em mim achareis amigo, e guia:
Que póde dar alguma vez socorro
Hum desgraçado a outro desgraçado.
Duros casos de amor me conduziraõ
A acabar nesta gruta os tristes dias;
Mas hoje volto por feliz presagio
A tentar n'outra parte a desventura.

Acaba de fallar movendo os passos
Pelo torcido vaõ das nuas pedras.
Todos o seguem com trabalho immenso.

Depois que largo tempo caminharãõ
Por asperas montanhas, apparecem
Ao longe a estrada, e o lugar visinho.
Qual a não soffredora das tormentas,
Que, depois de tocar o porto amigo,

C

Sen-

Sente fugir-lhe as arenosas praias,
E dos horridos ventos açoitada
Volta a lutar c'ò pelago profundo:
Assim Gonçalo, quando ver espera
Tranquillo fim de miseros trabalhos,
O povo cerca, e dos confusos gritos
As montanhas ao longe retumbaraõ.
Vós ó Musas, dizei como a Discordia
Com o negro tiçãõ, que accende os peitos;
Mostra o rosto de sangue, e pó coberto,
Seguindo os passos do homicida Marte.
Aqui não apparecem refulgentes
Escudos d'aço, e bronze triplicado:
Não affombraõ a testa dos guerreiros
Fluctuantes penachos, que ameaçaõ,
Como tu viste, ó Troya, ante os teus muros;
Mas o valor intrepido apparece
A peito descoberto. O povo armado
De choupas, longos páos, e curvas fouces,
He semelhante a hum bosque de pinheiros,
Que o fogo devorou, deixando nuas
As elevadas pontas. Animoso
Dispoem Gonçalo a forma de batalha
Posto na frente: á sua voz a hum tempo
Todos avançaõ, todos se aproveitaõ
Das perigosas, e terriveis armas,
Que o terreio offerece em larga copia.
Voa a cega Desordem, e apparece
No meio do combate. Por hum lado
Gaspar se oppoem arremeçando pedras
Com força tal, que atroaõ os ouvidos.

Gon-

Gonçalo d'outra parte invicto, e forte
 Abre co' ferro agudo amplo caminho.
 Já pendia a balança da victoria
 Contra a timida gente, que se espalha;
 Quando chega atrevido Braz o forte.
 (Gigante Ferrabraz lhe chama o povo
 Pela enorme estatura, e força incrível)
 Ergue a pezada maça sem trabalho,
 Qual nos montes de Lerne o fero Alcides:
 Gonçalo evita a morte com destreza:
 Elle renova os formidaveis golpes;
 Mas o irado mancebo ao desviar-se
 Tropeça, e cahe. Neste arriscado instante
 Serias morto, intrepido Gonçalo,
 Se Gaspar c' hum rochedo aspero, e rombo
 Não atalhasse do inimigo a furia,
 Quebrando-lhe com golpe repentino
 Ambas as canas do direito braço.
 Rangem os ossos, e a terrivel maça
 Cahindo sobre a terra ao longe soa.
 Torna a ajuntar-se a fugitiva plebe,
 E o prudente Gonçalo, que deseja
 Mostrar o seu valor n'outros perigos,
 Finge-se morto: a turba irada o pisa,
 Mas elle não se move. Contra todos
 Entraõ Gaspar em colera se accende:
 Ameaça, derriba, ataca, e fere;
 Até que já sem forças, rodeado
 Vê de seus companheiros os opprobrios.

C 2

Sôa

*Qual nos montes de Lerne o fero Alcides. Lerne lago de
 Achaia, onde Hercules matou a Hydra.*

Sôa nas costas dos heróes valentes
 O duro azambujeiro, e são levados
 Ao som terrivel de insultantes gritos
 Para a escura prizaõ, que os esperava.
 Gonçalo, o bom Gonçalo as maõs atadas,
 Os olhos para o chaõ, porque era terno
 Não refreou o compassivo pranto.
 A par delle Bertoldo em vaõ lamenta
 A falta de respeito, que devia
 Rustica plebe ao neto de Alarico.
 Com vagaroso passo todos marchaõ,
 Como as ovelhas por caminho estreito
 Tal depois da ruina de hum Quilombo
 Vem a indomita plebe da Ethiopia,
 Quando rico dos louros da victoria
 O velho Chagas sempre valeroso
 Cobre o fuzil da pelle da Guariba,
 E forra o largo peito c'os despojos

Da

Rustica plebe ao neto de Alarico. Alarico Rei dos Godos, que alcançou muitas victorias contra os Romanos no tempo de Honorio.

Tal depois da ruina de hum Quilombo. Fortificação de escravos rebellados, que muitas vezes se fazem temidos pelas suas hostilidades.

O velho Chagas. Este famoso Indio foi dos que mais se assignalataõ nas occasioens de ataques contra os escravos.

Cobre o fuzil da pelle de Guariba. Guariba especie de mono, cuja pelle serve aos viajantes dos Certoens para livrar o fuzil da humidade, e costumãõ estes homeus forrar-se com a pelle dos animaes, que mataõ. Póde ver-se M. Buff. no tom. 4. edic. de 4. vol. pag. 378. Lin. syst. nat anim. ed. 10. tom. 1. pag. 26. *Paniscus.* Martogr. 226.

Da malhada Panthéra , e do escamoso
Jacaré nadador , que infesta as aguas.

CANTO IV.

T Ibúrcio , que nas guerras da estalagem
Soube abrandar os inimigos peitos ,
Pondo-se como em extasi profundo
Com os olhos no Ceo , e as mãos no peito ,
Vem a empenhar a força das intrigas.
Que não farás intrepida Ignorancia
Por libertar os tristes prisioneiros !

Tem o cuidado das ferradas portas
Amaro vigilante , inexoravel ;
Mas credulo , e medroso ; e tem ouvido
Não sem horror pela calada noite
Grafnar nos ares , e mugir nos campos
Feias bruxas , e vagos lubifomes.
Com elle o Antiquario se acredita
Por hum devoto , e santo Anachoreta ,
Que passa os breves dias deste mundo
Entre os rigores d'hum austerá vida.
Amaro , que se fia de apparencias ,
Para nutrir o fragil penitente
Vai degolando os patos , e as gallinhas.
Em tanto (quem dissera !) a propria filha
Innocente era o movel deste enredo ,

Seu

Panthera Lin. syst. nat. anim. ed. 10. pag. 41. *Pardus*;
Jacaré Crocodilo Brasiliense. *Marçg.* 242. *Lix.* syst.
nat. pag. 200. *Crocodius*.

Seu nome he Dorothea , e no semblante
 Genio se lhe descobre inquieto , e leve.
 E como estes momentos preciosos
 Não se devem perder , depois que a fome
 Affugentou do estomago vasio ,
 Com branda voz em tom de profecia
 Humildade affectando assim começa.

Pois tanta caridade ufais comigo
 O Senhor , que reparte os seus thesouros ,
 Vos encherá de mil prosperidades.
 A vossa filha . . . mas convém que eu cale
 Os segredos , que o Ceo me communica :
 Inda vereis nascer entre riqueza
 Os venturosos netos , doce arrimo
 Aos fracos dias da caduca idade.
 O velho entaõ co' as lagrimas nos olhos
 Assim fallou : O' filho abençoado ,
 Que pela debil voz já me parecez
 Habitador do Ceo , quanto consolaz
 As peccadoras cãs , que te estaõ vendo !
 Assim talvez seria o meu Leandro ,
 Se as bexigas em flor o não roubassem !
 Dez annos tinha , quando a morte avara
 Cortou co' a dura mão seus tenros dias.
 Entaõ suspira , e segue passo a passo
 A longa enfermidade ; e em quanto narra
 Aparece Marcella , conhecida
 Entre todas as velhas por mais sabia
 Em penetrar olhando para os dedos Tu-

Em penetrar olhando para os dedos. Esta superstiçaõ tem sido grande uso , vulgarmente dizer a buena dicha.

Tudo quanto já d'antes lhe contaraõ.
Sobre pequeno páo , a que se encosta ,
Ella vem debruçada pouco a pouco ,
O semblante enrugado , os olhos fundos ,
Contra o nariz opposta a barba aguda :
Os dous ultimos dentes balanceao
C'o pestifero alento , que respira.
Em segredo lhe mostra Dorothea
A esquerda maõ porque ella decidrasse
As confusas palavras de Tiburcio.
Ella observa , e depois de mil tregeitos
Franzindo a testa , arcando as sobrançelhas ,
Com voz tremula , e fraca assim dizia.

O' que grande ventura o Ceo te guarda !
Por esposo terás hum cavalheiro
Que te ama , e te deseja. Mas ai triste ?
Em vão chora infeliz o terno amante
Nessa escura prizaõ desconhecido
Por casos de fortuna. Criai filhos ,
O' desgraçadas mãis , para que hum dia
Longe de vós padeçaõ mil trabalhos !
Aqui suspira a boa velha , e chora.
Duas vezes começa , e depois falla.
O seu nome he Gonçalo : he rico , e nobre ,
E mancebo gentil , robusto , e louro.
Estas , e outras palavras lhe dizia ,
E Dorothea já se sente amante ,
Excogitando os mais seguros meios
De abrir a porta , e darlhe a liberdade.
Na molestia prizaõ o novo engano ,

De

De imperceptivel arte pronto effeito ,
 Sabe o Heróe , e assim comigo falla.
 O' amigo taõ raro como a Fenix ,
 Que podendo deixar-me entre estes terros ,
 Vens encher-me de alivios , e esperanças !
 Valentes expressoens em crespá frásé ,
 Que ao Alivio de Tristes rouba a gloria ,
 Pensando felizmente refuscita
 Aquellas hyperbolicas finezas ,
 Que em seus escritos prodigou Gerardo.
 N'hum pequeno papel como convinha
 A triste , e desgraçado prisioneiro ,
 Vio Dorothea as letras amorosas ,
 Que os ditos confirmaraõ de Marcella ,
 E dous grandes presuntos , que jaziaõ
 Intactos na despenha do bom velho ,
 Vaõ levar a reposta acompanhados
 Do roxo neectar , que dissipa os males.
 Mensageira fiel entaõ affirma ,
 Que virá Dorothea abrir-lhe as portas
 Nas horas , em que o placido socego
 Dos cançados mortaes os olhos cerra.
 Gonçalo espera timido , e confuso
 Vem-lhe á memoria o seu antigo affecto ;
 Qual leve sombra : escuta , arde , e deseja
 Sentir no coração novas cadeias.

Já

Que ao Alivio de Tristes rouba a gloria. Romance vulgar.
Que em seus escritos prodigou Gerardo. Gerardo de Escobar
*fez huma obra , que intitulou *Cristaes d'alma* , cheia de*
ridiculas hyperboles.

Já com a fria mão a noite escura
 Entre o miudo orvalho derramava
 Papoilas foporíferas , que inspiraó
 O brando somno , e o doce esquecimento.
 Reina o vago silencio , que acompanha
 De amor furtivo os tragicos transportes :
 Gonçalo entãõ , cançada a fantasia
 Sobre os meios , e os fins de seus projectos ;
 Pouco a pouco se esquece , e pouco a pouco
 Cerra os olhos , boceja , dorme , e sonha.
 Quando vóa do leito , onde deixava
 Nos braços do Descanço ao Pai da Patria
 A brilhante Verdade , e lhe apparece
 N'huma nuvem azul bordada d'ouro
 A Deoza occupa ao meio , hum lado , e outro
 A severa Justiça , a Paz ditosa.

Benignos Ceos enchei meus puros votos :
 Fazei que esta celeste companhia ,
 Como do terno Avô rodea o throno ,
 De seu Neto immortal orne a Coroa.

Gonçalo vio , e pondo as mãos nos olhos
 Recea , e teme de encarar as luzes.
 Abre os olhos , mortal , (assim lhe falla
 Do claro Ceo a preciosa filha)
 Abre os olhos , verás como se eleva

Do

Como do terno Avô rodea o throno. O Augusto e Fidelissimo Rei de Portugal.

De seu Neto immortal orne a Coroa. O Serenissimo Principe Herdeiro.

Do meu nascente Imperio , a nova gloria.
 Esses muros , que a perfida Ignorancia
 Infamou temeraria com seus erros ,
 Cobertos haõ de ser em poucos dias
 Com eternos signaes de meus triunfos.
 Eu sou quem de intrincados labyrinthos
 Poz em salvo a razaõ illeza , e pura.
 Eu abri aos mortaes os meus thesouros :
 Fiz chegar aos seus olhos quanto esconde
 No seio immenso a fertil Natureza.
 Põde huma destra maõ por mim guiada
 Descrever o caminho dos Planetas :
 O mar descobre as causas do seu fluxo :
 A Terra mas que digo ? Que sciencia
 Naõ fiz tornar ás margens do Mondego ,
 Ou d'entre os braços da Latina Gente ,
 Ou dos bellos paizes , cujas praias
 O mar azul por toda a parte lava !
 Se saõ firmes por mim o Estado , a Igreja
 Se he no seio da paz feliz o Povo ,
 Dizei-o vós , O' Ninfas do Parnaso.
 Illustres , Immortaes , vós que dictastes
 As poderosas leis a vez primeira ,
 Vós , que ouvistes da lyra de Mercurio

Os

Do meu nascente Imperio a nova gloria. A Universidade de Coimbra novamente creada.

Eu sou quem de intrincados labyrinthos. A Filosofia Rational sem os enredos dos syllogismos Peripateticos.

Eu abri aos mortaes os meus thesouros. A Fyfica.

Fiz chegar aos seus olhos quanto esconde. A História Natural.

Ou dentre os braços da Latina Gente. Os optimos , e famosos Professores , que ElRei Fidelissimo attrahio de diversas partes da Europa.

Os uteis meios de alongar a vida.
Eu vejo renascer hum Povo illustre
Nas armas , e nas letras respeitado.
O seu nome vai já de boca em boca
A tocar os limites do Universo.
O pacifico Rei lhe traz os dias
Dignos de Manoel , dignos de Augusto:
E tu em quanto a Patria se levanta
Sacodindo os vestidos empoados
Co' a cinza vil de hum ocio entorpecido :
Em quanto corre a mocidade alegre
A colher louros ávida de gloria ,
Serás o froxo , o estupido , o insensivel ?
Sacrificas o nome , a honra , a Patria
Aos molles dia de huma vida escura ?
Cego errado mortal , vê que te enganas.
Disse : e cerrada a nuvem luminosa ,
Estremece Gonçalo : foge o somno :
Por toda a parte lança incerto a vista ,
Busca affustado , mas já nada encontra.
As mesmas impressoens em seus sentidos
Vivas imagens pintaõ , e não sabe
Se entãõ dormia , ou se inda agora sonha.
Sente a suave força da Verdade ;
Mas recusa abraça-la. Triste sorte
D'alma infeliz , que ao erro se acostuma !

Em tanto sem receio o Velho dorme ,
E a filha vem as sombras apalpando

Com

Dignos de Manoel dignos de Augusto. O Senhor Rei D.
Manoel, chamado o Feliz.

Com as chaves na mão : e quantas vezes
Segue , vacilla , pára , e lhe parece
Ouvir a voz do Pai : escuta , e treme ;
Move os passos tropeça , e ao ruído
Acorda Amaro , e grita. Ella se appressa ,
E torna a tropeçar. Aqui Tiburcio
Em casos repentinos prompto , e destro
Em hum lançol se embrulha , e corre ao leito ,
Onde jazia o Velho espavorido ,
Que cuida que vê bruxas , e fantasmas :
Então lhe diz em tom medonho. O' filho ,
Ingrato filho , que de hum Pai te esqueces:
Que mal , que mal cumpriste os meus legados ?
Hoje comigo irás Ao Velho o medo
Corre as medullas dos cançados ossos :
A voz lhe falta , eriça-se o cabello.
Em tanto as portas Dorothea abrindo
(Amor a fez intrepida) abraçava
O promettido esposo : elle se apressa ,
Acorda os miserandos companheiros ,
Que se alegrão deixando solitarias
As vagas sombras da prizaõ funesta.
Passa o resto da noite entre temores
Amaro , quanto póde o prejuizo !

Apenas matizava a branca Aurora
Da Tyria cõr o veo açafreado ,
Quando o Velho ao travez da luz escassa
Vio abertas as portas. Dorothea ,
Dorothea onde estás ? Assim clamava ,
E entregue á sua dôr consulta os olhos

Do profeta , que prompto a por-se em marcha
Com rosto de candura , e de innocencia
Brandamente o consola. O Ceo , Amigo ,
Tudo faz por melhor , e muitas vezes
Com trabalhos crueis aos bons afflige.
Disse , e deixando ao Pai descontentado ,
Caminha na esperança de encontrar-se
C'o o valente esquadrão dos fugitivos ,
O Sol já com seus raios luminosos
Tinha roubado ás folhas dos arbutos
O frio gélo do nocturno orvalho.
Eis á sombra de funebre arvoredos
Rufino o melancolico chorando.
Quem és , que em tua mágoa inconsolavel
Pareces abalar estas montanhas ?
Compassivo pergunta o Antiquario ,
E depois de chorar por largo tempo ,
Estas vozes o triste lhe tornava.
Eu sou aquelle amante sem ventura ,
Sempre estremofo , e sempre escarnecido ,
Soffredor das ingratas esquivanças ,
Que vi (ai dura vista !) face a face
Do tardo Desengano o feio rosto.
A' Dorothea , hum sonho lisongeiro
Meus dias dilatou para que agora
Te visse em outros braços , insultando
O meu fiel amor ? O' noite infauستا ,
Noite terrivel , noite acerba , e dura !
Quanto eu fora feliz , se a tua sombra
Eternamente os olhos me cobrisse !

Ti-

Tiburcio , que já tudo penetrava ,
Do caminho se informa , e dos lugares ;
Por onde fora a incerta companhia ,
Que em tanto risco o seu conselho espera :

Naõ distante se eleva antigo bosque
Horroroso por fama : já nos tempos ,
Em que torrente Barbara sabindo
Do seio da Meotis inundava
As provincias d' Europa , aqui se via
Arruinado Templo. Os vividoiros
Cyprestes se levantaõ sobre os pinhos :
Heras , e madre-silvas enlaçadas
Alli fazem curvar a crespa rama
Dos velhos , e instructiferos carrafcos.
Tres fontes misturando as puras aguas
Mansamente se envolvem , e offerecem
A' vista cubiçosa os alvos feixos ,
E os verdes limos , que no fundo nascem.
Os amigos fieis aqui se encontraõ.
Qual em noite funesta , e pavorosa
Perdido caminhante , que recêa
Achar em cada passo hum precipicio ,
Se acaso a dubia luz divisa ao longe ,
A esperança renasce , e de alegria
Sente pular o coração no peito ;
Assim o Desertor constante , e forte
Ao ver o companheiro , que prudente
Sabe evitar , e prevenir os males.

El-

*Em que torrente Barbara sabindo. A irrupção dos Barba-
ros foi no seculo V.*

Elles se reconhecem , e derramaõ
 De alegria , e ternura o doce pranto.
 O' vinculos do fangue , e da amizade !
 Menos unidos vio o Lacio antigo
 Aos dous Troyanos , que huma cega roite ;
 Espalhando o terror no campo adverso ,
 Levou ás turvas margens de Achronthe.
 Gonçalo se retira pelo bosque ;
 Com elle vai Tiburcio , e mil projectos
 Formavaõ sobre o fim da grande empreza ;
 E a muito facil , e infeliz donzella
 Do seu profeta o rosto , e a voz conhece ,
 E pensa , e teme de se achar culpada.

Entaõ o Amor , que na sonora aljava
 Esconde settas de mortal veneno ,
 E settas d'outro ardor mais grato , e puro ,
 Fazia escolha das terriveis armas ,
 Para vingar-se da cruel Marfiza :
 Marfiza ingrata , perfida , inconstante ,
 Peito de bronze , a quem a natureza
 Naõ formou para ternos sentimentos.
 E por ver se os seus tiros correspondem
 Sempre fieis á maõ , e ao desejo ,
 Faz no teu peito , ó Dorothea , o alvo ,
 As forças prova , e a destreza ensaia.
 Encurva o arco eburneo , solta , e vôa
 Sequiosa de fangue a ponta aguda
 Tinçta no Averno. Ao golpe inevitavel

Tre-

*Aos dous Troyanos que huma cega noite. Niso , e Eurialo
 virg.*

Tremeo o coração, e hum vivo lume
 Nos olhos apparece: do seu braço
 Admirá a força Amor. Vai outra setta
 Ao brando peito incauto, e descoberto
 Do mancebo infeliz. A vez primeira
 Soube de amor o namorado Cosme.
 Que violenta paixão pôde encobrir-se!
 Os olhos fallaõ: seguem-se as palavras;
 E depois o delirio. O tempo he furdo
 Aos votos dos amantes. Elles viaõ
 Crescer ditoso em rapidos momentos
 De huma nova esperança o bello fructo;
 Mas Gonçalo a favor dos arvoredos
 Occulto chega, pára, e ceva as iras.
 Tal pôde ver-se o rapido Jaguára
 Do fertil Ingahy nos vastos campos,
 Se tem defronte o cervo temeroso;
 Encolhe-se torcendo a hirsuta cauda,
 Tenta, vigia, espera, e lambe os beiços
 Formando o salto sobre a incauta preza.
 Cegos amantes, aprendei agora
 Os perigos da nimia confiança.
 O zeloso Gonçalo enveste: acodem
 Os companheiros d'huma, e d'outra parte.
 Triste ruido! pedras contra pedras
 Alli se despedaçãõ: ao seu lado
 Acha Cosme a Rodrigo, acha Bertoldo.
 Em quanto dura o fervido combare,
 Dorothea, que vê sem uso a espada,

De

Jagudra Marcgrav. Hist. Brasil. pag. 235.
Ingaby. Rio d'America nas Minas do Rio das mortas.

De que o Heróe em furia se não lembra,
 (Que não farás Amor, tu que transformas
 Huma donzella n'hum feroz guerreiro !)
 Desembainha : a Morte infaciavel
 Lhe afia o gume, e o furor sanguineo
 Ergue, e dirige o ferro : já pendente
 Sobre Gonçalo o golpe, falta, e chega
 O amigo a tempo de salvar-lhe a vida.
 Pelos braços o aperta, e nelles grava
 Roxos signaes dos dedos. Em derrota
 Correm os tres, e o campo desamparaõ.
 O misero, infeliz, e novo amante
 As negras furias levaõ, que despertaõ
 No afflicto coração deléesperado
 Ciume, raiva, amor, odio, e vingança.
 Assim o invicto domador dos monstros,
 Quando por mão da credula consorte
 Recebeo o vestido envenenado
 No sangue infausto do biforme Nesso
 Os rochedos, e os montes abalava :
 Soaraõ os seus funebres gemidos
 Por longo tempo nas Ismarias grutas.
 Valentes, e indiscretos vencedores
 Tarde conhecereis, e muito tarde,
 Que hum amigo ultrajado he perigoso.

D

Pa-

Assim o invicto domador dos monstros. Hercules, que recebeu de Deianira o vestido tingido no sangue do centauro Nesso, e agitado das Furias se lançou no fogo.

Por longo tempo nas Ismarias grutas. Ismaio monte de Thracia.

Para soltar os opprimidos braços
 Dorothea se empenha ; mas Tiburcio
 Lançando a esquerda mão á ruiva trança
 A fez voltar , torcendo-lhe o pescoço ,
 Ao claro Ceo a vista ameaçante.
 Gaspar o ferro d'entre as mãos lhe arranca :
 Elte hum braço sustenta , outro Gonçalo ,
 E ella presa , e sem forças grita , e geme.
 Não d'outra sorte o touro da Chamusca ,
 Quando tres caens o cercao atrevidos ,
 Dois pendem das orelhas , e hum da cauda ;
 A cornigera testa em vão facode ;
 Contra a terra se arroja a hum lado , e outro ;
 E depois que não póde defender-se ,
 Mugindo exhala a indomita tereza.

C A N T O V.

ALto concelho aqui se faz , aonde
 Infeliz Dorothea , o teu destino
 Cruel , e dubio d'hum só voto pende.
 Dos tres heroes discordaõ as sentenças.
 Hum deseja , que fique em liberdade
 E do Pai ultrajado exposta ás iras :
 Inexoravel outro pensa , e julga
 Que a sua morte deve dar exemplo ,
 Que encha d'horror as perfidas amantes.
 Gonçalo , que era o unico offendido ,
 Consulta o coração , e se enternece.

Mas

*Naõ de outra sorte o touro da Chamusca. Todos sabem ,
 que desta Villa são bravissimos os touros.*

Mas o ardente Ciume , que se alegra
 De pintar como crimes horrorosos
 Innocentes acçoens , entãõ lhe mostra
 A feia Ingratidaõ , e o torpe Engano.
 A vingança cruel , e o vil Desprezo
 Ainda mais terrivel , que a Vingança ,
 Ganhaõ do coraçãõ ambas as portas.
 Mimosa Dorothea , e como ficas
 C'o as maõs ligadas a hum pinheiro bronco
 Sem outra companhia , que os teus males !
 He este o premio , filhas namoradas ,
 Este o premio de Amor , quando imprudente
 Os termos passa , que a razãõ prescreve.
 De quando em quando hum ai do peito arranca ,
 Que ao longe os tristes , magoados ecos
 Desperta , e faz sentir os duros troncos ;
 E espera sem defeza (sorte ingrata !)
 Que a devorem os lobos carniceiros.
 Assim ligada aos asperos rochedos
 A filha de Cephêo ao mar lançava
 A temerosa vista , e lhe parece
 A cada instante ver surgir das ondas
 A verde espalda do marinho monstro.

Sem esposo , sem paí , sem liberdade
 Misera Dorothea chora , e geme.
 Ai Marcellia cruel , que m'enganaste
 Com teus bellos , fantasticos agouros !
 Queira o Ceo que outras lagrimas sem fructo

D 2

Mil

*A filha de Cephêo Andromeda foi exposta a hum
 Monstro marinho. Ovid. metamorph.*

Mil vezes tresp dobradas te consumaõ
 Os encovados olhos ! Que inda a Morte
 A's tuas vozes furda correr deixe
 Peiorando em seu curso vagaroso
 Os momentos de dôr, e de amargura ?

Assim fallava : a leve Fantazia
 Com as cores mais vivas lhe apresenta
 D'escarpados rochedos no alto cume
 O palacio da candida Innocencia
 Cercado de funestos precipicios.
 O' morada feliz , onde não torna
 Quem huma vez rodou entre as ruinas !
 Giraõ no plano do elevado monte
 Cruas dores , remorsos devorantes ,
 As tres Irmãs a Peste , a Fome , a Guerra ;
 O pallido Receio , o Crime , a Morte ,
 As Furias , e as Harpias , que s' involvem
 No turbilhaõ dos miseros cuidados.

Entaõ de tantas lagrimas movida
 A mãi soberba do propicio Acafo ,
 A mudavel Fortuna , e já cançada
 De ouvir as tristes queixas de Rufino ;
 Taes palavras ao filho dirigia.

Esse amante infeliz , que em vaõ suspira
 Ache a dita huma vez , e enxugue o pranto.
 Acaba de fallar , e ao mesmo tempo
 Rufino para o bosque s' encaminha ,
 E o Acafo o conduz por entre as sombras

Da pavorosa Noite , que já desce.
A' rouca voz da misera donzella
Palpita o coração: o Amor e o Susto
Chimericas imagens lhe afiguraõ ;
Mas elle chega: o proprio crime , e o pejo
Cobrem de roxas nuvens o semblante
De Dorothea ao ver-se ainda amada
Por aquelle , que foi ha poucas horas
Alvo de seus insultos , e desprezos.
A molle vista , as lagrimas em fio ,
Que aos coraçoes indomitos abrandaõ ,
Que fariaõ n'hum peito namorado ?
Tu lhe ensinas c'o fraco rendimento
Os meios de vencer. O' sete vezes
Venturoso Rufino , s' ella hum dia
Naõ quizer renovar os seus triunfos ,
E medir a fraqueza do teu peito
Pelo grande poder das suas armas !

Depois de longa , e trabalhosa marcha
Cancado de soffrer em fim respira
O Desertor , e mostra aos companheiros
Os conhecidos montes. Fuma ao longe
A fertil Mioselha , e pouco a pouco
Os couteiros , e as casas apparecem.

Tiburcio , que hum a antiga , e voraz fome
Soffreo nestes asperrimos trabalhos ,
Com gosto espera de affoga-la em vinho ,
E já se appressa alegre , e transportado.
Qual o novillo , que perdeu nos bosques

A doce vista do rebanho amigo ;
 E depois de vagar a noite , e o dia
 Por valles sem caminho , a Mãe conhece ,
 Alegre falta , berra , e por momentos
 Espera humedecer entre caricias
 C'ò leite reprefado a boca ardente.

Mas Coline , que conserva na memoria
 As passadas injurias , por vingar-se ,
 Ao Tio de Gonçalo narra as causas
 Da funesta derrota. Determina
 Gaspar , que os fatigados companheiros
 Achem na propria casa hum doce abrigo:
 De os ver a Mãe se afflige ; mas espera ,
 Que obrigados da fome se retirem.
 Leve foi o Jantar , mais leve a Cêa ,
 E Tiburcio com pena assim chorava
 Os dias , em que fora Thesoureiro
 D' huma rica , e devota Confraria.
 O' sancta occupação , tu nunca viste
 A magra mão da pallida Miséria ,
 Que os fracos membros do mendigo apalpa.
 Sem trabalho em teus providos Celeiros
 A ditosa Abundancia se recolhe.
 Se torno a possuir-te , quantas vezes
 Dos cuidados tenazes , e importunos
 Lavarás a minha alma nas perennes
 Purpureas fontes do espremido cacho !

Mostra Gaspar vaidoso a livraria ,
 Donde o Tio Doutor sermoens tirava.

Mão

Mão Gosto, que á razaõ não dás ouvidos
 Vem numerar as obras, que dictaste;
 Seja a ultima vez, e eu te asseguro
 Que não vejas fumar nos teus altares
 Do Genio Portuguez já mais o incenso.

Geme infeliz a carunchosa Estante
 C'ò pezo de indulgentes *Casuistas*,
Dianas, *Bonacinas*, *Tamburinos*,
Moiás, *Sanches*, *Molinas*, e *Larragas*.
 Criminosa Moral, que em surdo ataque
 Fez nos muros da Igreja horrivel brecha;
 Moral, que tudo encerra, e tudo inspira
 Menos o puro amor, que a Deos se deve.
 Aparecei famosa *Academia*
De humildes, e *Ignorantes*, *Eva*, e *Ave*,
Baculo pastoral, e *Flos Sanctorum*,
 E vós ó *Theoremas predicaveis*,
 Não tomeis o lugar, que he bem devido
 Ao *Kees*, ao *Bem Ferreira*, ao *Baldo*, ao *Fegas*
 Graõ Mestre de forenses subterfugios.
 Aqui *Tiburcio* vê o amado *Aranha*,
 O *Reis*, o bom *Suppico*, e os dous *Suares*:
 D'hum lado o *Sol nascido no Occidente*,
 E a *Mystica Cidade*, d'outro lado
 Cedem ao pó, e á roedora traça.
 Por cima o *Lavatorio da consciencia*,

Pe-

Casuistas Pode ver-se o que delles diz *Conciana*:
 Appar. ad Theol. Christ. c. 6. §. 5.

Theoremas predicaveis . . . Colecção de Sermoens.

Suares . . . *Lusitano*, e *Granatense*.

Peregrino da America, os Segredos
Da natureza, a Fenix renascida,
Lenitivos da dôr, e os Olhos de agua:
 Por baixo estí de *Sam Patricio a cova:*
A Imperatriz Porcina, e quantos Autos
 A miseria escreveo do *Limoeiro*
 Para entreter os cegos, e os rapazes.
 Rudes montoens de *Gothica* escritura
 Quanto cheirais aos seculos de barro!
 Falta ainda huma *Estante*; mas *Amaro*
 Seguindo os passos da roubada filha
Caminha afflicto, e de encontrar receia
 O valente esquadrão, que procurava.
 Tanto a fama das bellicas proezas
 O seu nome fazia respeitado!

Que novas desventuras se preparaó!
 O povo cerca da *Viuva* as portas;
 Quando a triste *Ignorancia*, que deseja
 Arrancar d'entre os asperos perigos
 Aos seus *Heróes*, por boca de *Gonçalo*
 Começou a fallar. Se tantas vezes

Mais

Olhos de Agua . . . Obra que tem este titulo = Fluxo Breve, defezano perenne, que o Pegaço da Morte abriu no monte da contemplação em nove olhos de agua para refrescar a alma das securas do espirito &c.

Todas as obras nomeadas neste lugar são conhecidas, e quando o não fossem bastaria ver os titulos para julgar do seu merecimento, e da barbaridade do seculo, em que foram escriptas. Talvez não sejaõ estas as mais extravagantes a vista do *Chrysol Seraphico, da Tuba concionatoria, Syntagma comparistico, Primavera Szagrada, &c.*

Limoeiro. A cadeia pública da Corte.

Mais que heroico valor tendes mostrado ,
He este o campo , hide a cortar os louros
Para cingir a vencedora frente.
Naõ se diga que fostes opprimidos
Por fraca , e rude plebe : este combate
Naõ se póde evitar : só dous caminhos
Em tanto aperto aos olhos se offerecem.}
Escolhei ou a India , ou a Victoria.

Disse , e depois abrindo huma janella ;
Arroja de improviso sobre o povo
De informe barro huma espantosa talha.
Secco trovão , que faz gemer os Polos
Quando vomitaõ as pezadas nuvens
Do occulto seio a negra tempestade ,
Naõ causa mais pavor : ao golpe horrendo
Muitos feridos , muitos assombrados
Manchaõ do negro pó as mãos , e o rosto.
Amaro anima aos seus , e em quanto voaõ
Contra a janella mil pesados feixos
(Que novo estratagemas ?) O Antiquario
Finge da capa hum vulto , que apparece
De quando em quando , com que attrahe as armas ,
Que haõ de servir depois para a defeza.

Novo furor os coraçõens accende.
Qual a grossa faraiva ao sopro horrivel
Do Boreas turbulento embravecido
As feras derrota , os troncos despe ,
E o triste lavrador contempla , e chora
A perdida esperança de seus fructos.

Assim de pedras vaga, e densa nuvem
 Sahe da janella a devastar o campo :
 As que arroja o Heróe já se distinguem
 Pelo som entre as mais, já pelo estrago.
 A confusão, e o susto ao mesmo instante
 Pelo povo s'espalha : então Gonçalo
 Valeroso sahio por hum postigo :
 Depois Gaspar ; o intrepido Tiburcio
 Mettendo o braço, e a cabeça clama ;
 Que o não deixem ficar naquelle estado.
 O Heróe as mãos firmando nas orelhas
 Ainda mais o aperta, e deixa exposto
 Da plebe ao riso, á colera de Amaro.
 Quantas vezes Tiburcio desejava
 Não ser de grosso peito, e largo ventre !

O Desertor em fim cansado chega
 A presença do Tio formidavel ;
 E a teimosa Ignorancia, que se afferra,
 E que affirma, somente porque affirma
 O coração de novo lhe endurece.
 A soffrer o trabalho dos estudos
 O Tio o anima, roga, e ameaça ;
 Mas o Heróe inflexivel só responde,
 Que não ha de mudar do seu projecto.
 Não he mais firme a carrancuda rocca,
 Com que Cintra soberba enfreia os mares :
 Nem

Cintra . . . Serra, que acaba na fóz do Tejo com nome do cabo da Rocca.

Nem tu, ó Paõ de Assucar, namorado
 Da formosa Cidade, Velho, e forte,
 Que dás repoulo ás nuvens, e te avanças
 Por defende-la do furor das ondas.

Entaõ fallando o Tio em torpes crimes,
 E em furtadas Donzellas, ergue irado
 Co' a mão inda robusta o páo grosseiro,
 E a paixão defabafa: a longa idade
 Prohibe-lhe o correr; mas não prohibe
 Que o páo com força ao longe o acompanhe.
 Ai Gonçalo infeliz, que dura estrella
 Maligna scintillou quando nasceste!
 Depois de mil trabalhos insoffriveis,
 Onde o gosto esperavas, e o socego
 Viste nascer estragos, e ruinas.
 Assim depois dos ultimos combates,
 Que as margens do Scamandro ensanguentaraõ;
 O Rei potente d'Argos, e Mycenas
 Esperando abraçar saudoso os Lares,
 Abraça o ferro de huma mão traidora.
 Fechadas tem o experto Tio as portas:
 Volta Gonçalo, encontra novos golpes,
 E jaz em fim por terra. Ferve o sangue
 Da boca, e dos ouvidos: sem acordo;
 Apenas se conhece que inda vive;
 Mas tem a gloria de trazer comfigo

A

Paõ de Assucar . . Grande rochedo na barra da Cidade
 do Rio de Janeiro.

Rei potente Agamemnon, que voltando do Cerco
 de Troya foi assassinado por Egeyto.

A derrotada estúpida Ignorancia.
 Ella reina em seu peito, e se contenta
 De ter roubado aos muros de Minerva
 De fracos Cidadaós o preço inutil.

Goza, Monstro orgulhoso, o antigo Imperio
 Sobre espiritos baixos, que te adoraõ ;
 Em quanto á vista de hum Prelado illustre,
 Prudente, Pio, Sabio, Justo, e Firme
 Defensor das Sciencias, que renascem,
 Puras as agoas crystalinas correm
 A fecundar os apraziveis campos.
 Brotaõ as flores, e apparecem fructos
 Que haõ de encurvar co' proprio pezo os ramos
 Nos bellos dias da estaçaõ dourada.
 Possa a robusta maõ, que o Sceptro empunha,
 Lançar-te n'hum lugar taõ defabrido,
 Que te sejaõ amaveis os rochedos
 Onde os coriscos de continuo chovem.

SO

Onde os Coriscos Os Montes Acroceraunos de E-
pirus, onde frequentemente cahem raios.

SONETO:

A Terra opprima porfido luzente,
E o brilhante metal, que ao Ceo erguidos
Os altos feitos mostrem esculpidos
Do Rei, que mais amou a Lusa Gente.

Esteja aos Regios pés Dragaõ potente,
Que tanto os póvos teve espavoridos,
C'os tortuosos collos suspendidos
No gume cortador da espada ardente.

Juntas as castas filhas da Memoria
As brancas azas sobre o Throno abrindo
Assombrem a dourada, e muda Historia.

Ao Indio livre já cantou Termindo:
Que falta, Grande Rei, á tua Gloria;
Se os louros de Minerva canta Alcindo?

E. G. P.

SONETO.

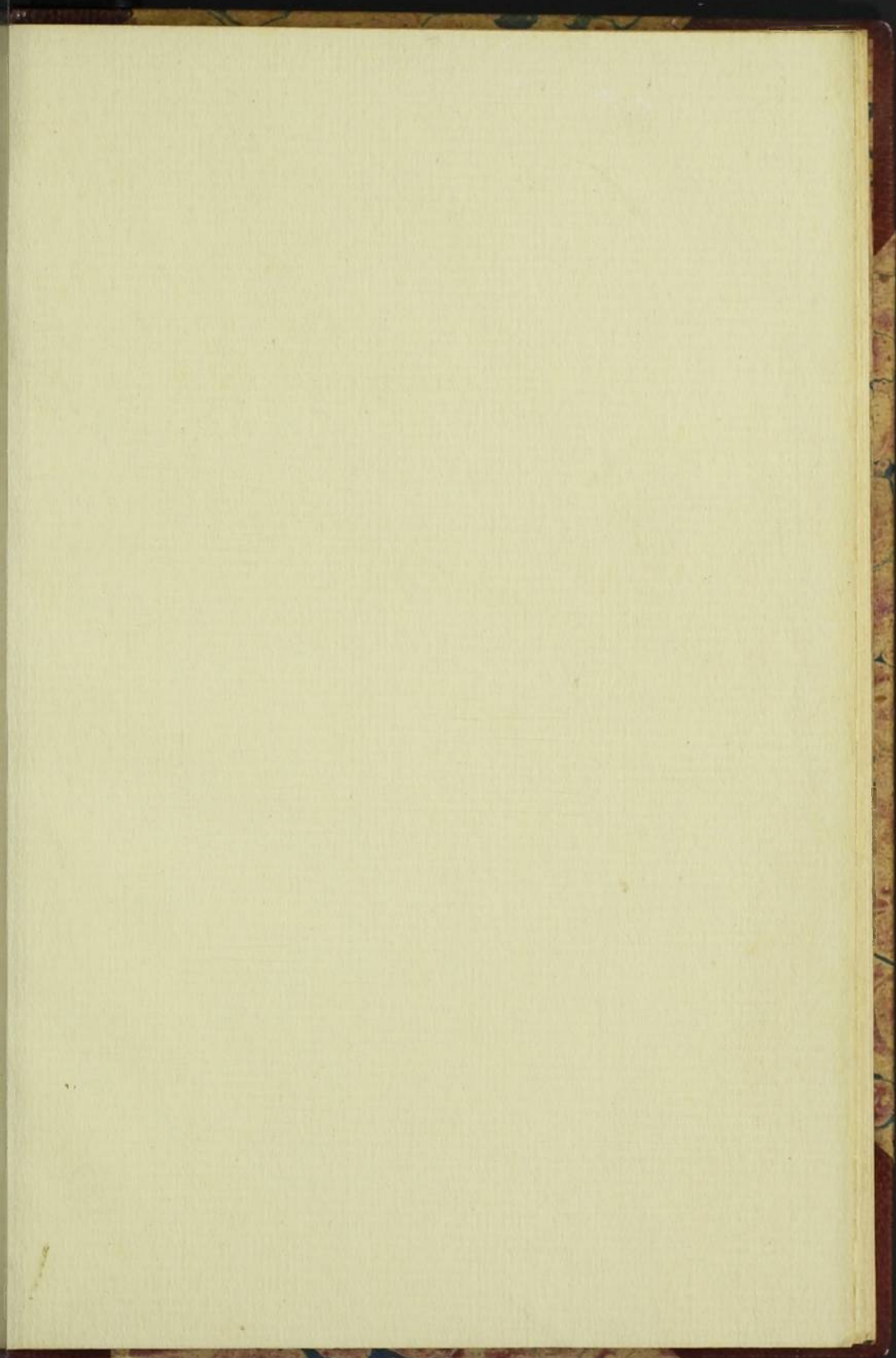
EM quanto o Grande Rei c'ò a mão potente
 Quebra os grilhoens do Erro, e da Ignorancia;
E em quanto firma com igual constancia
A' Sciencia immortal Throno luzente.

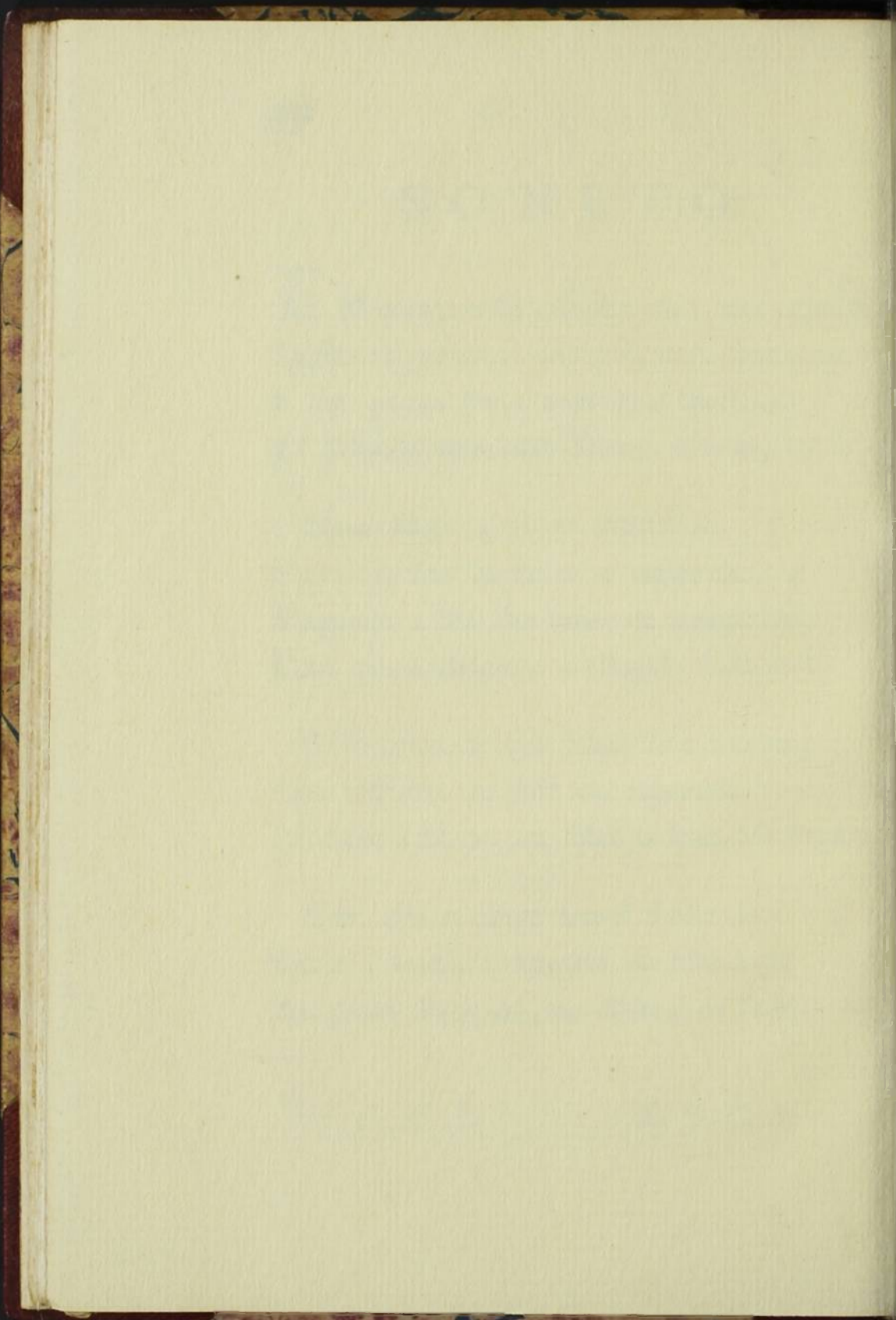
Nova Musa de clima differente
 Canta do Pai da Patria a vigilancia,
 Vingando a Mãi das luzes da arrogancia,
 Com que a despreza o estúpido indolente:

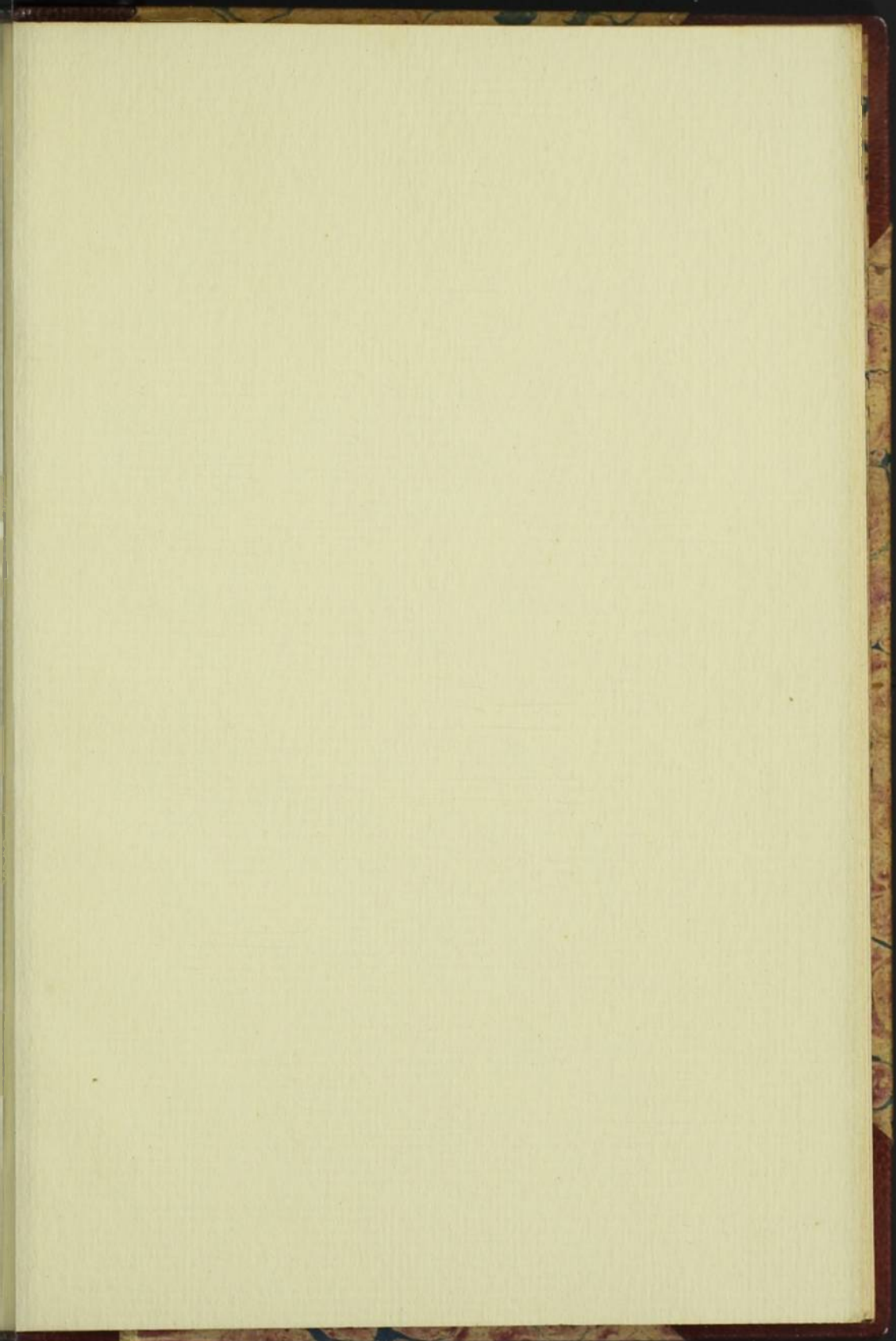
O Monstro de mil bocas sem focego,
 Que a Gloria de José vai repetindo
 Ou sobre a Terra, ou sobre o immenso Pego:

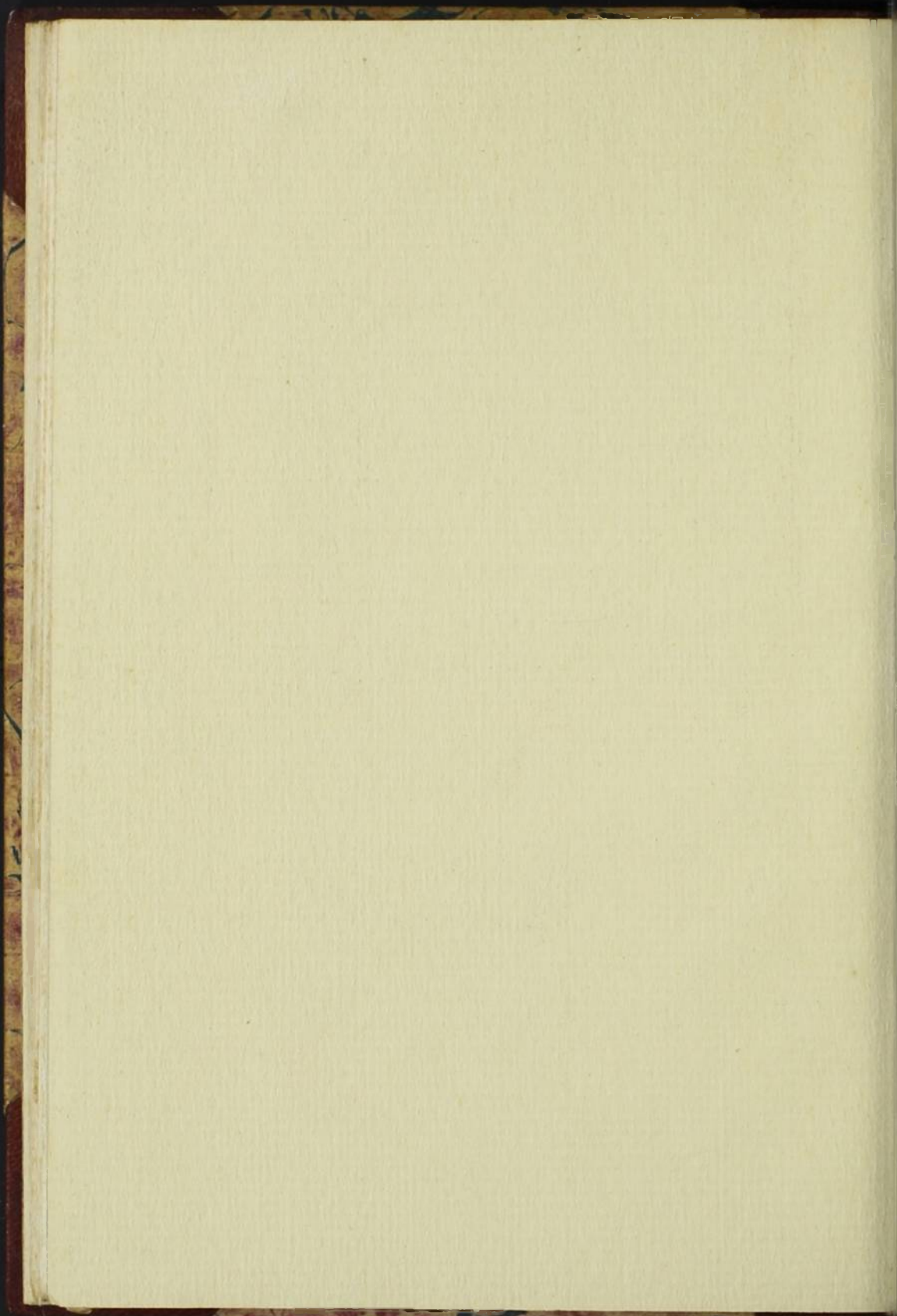
Com ella o nome levará d'Alcindo
 Desde a invejada margem do Mondego
 Ao patrio Paraguai, ao Zaire, ao Indo.

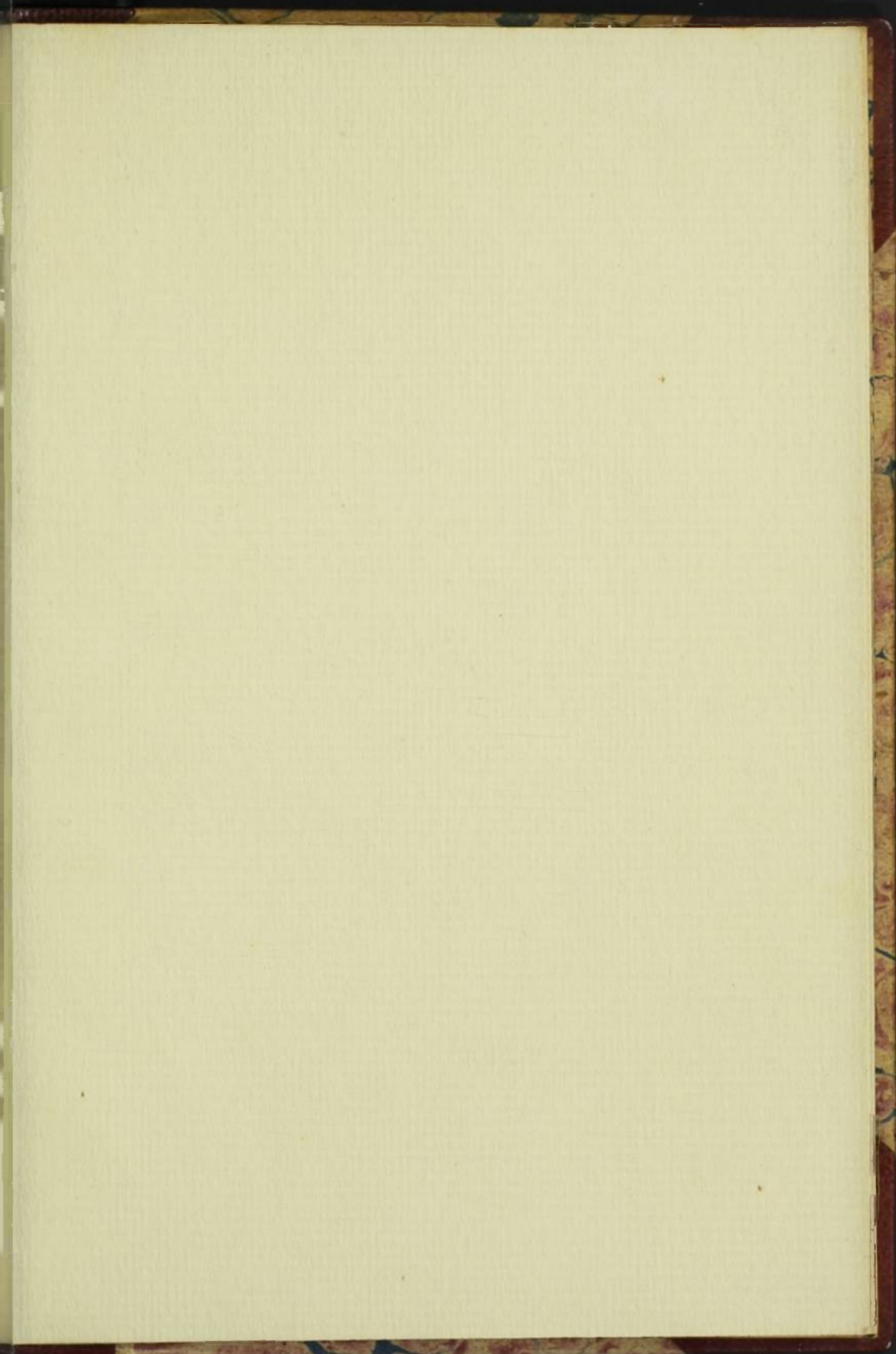
L. J. C. S.











8357

